

**FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ – FADIC
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

FERNANDA LÚCIA DE SOUZA BEATRICE

A RELEVÂNCIA DA MONARQUIA BRITÂNICA NO SÉCULO XXI

RECIFE

2017

FERNANDA LÚCIA DE SOUZA BEATRICE

A RELEVÂNCIA DA MONARQUIA BRITÂNICA NO SÉCULO XXI

Monografia apresentada à Faculdade Damas da Instrução Cristã - FADIC, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

ORIENTADOR: Prof. Dr. Rodrigo Santiago da Silva

**RECIFE
2017**

Ficha catalográfica

Elaborada pela biblioteca da Faculdade Damas da Instrução Cristã

B369r Beatrice, Fernanda Lúcia de Souza.
A relevância da monarquia britânica no século XXI / Fernanda
Lúcia de Souza Beatrice. – Recife, 2017.
66 f.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Santiago da Silva.
Trabalho de conclusão de curso (Monografia – Relações
Internacionais) – Faculdade Damas da Instrução Cristã, 2017.
Inclui bibliografia

1. Relações internacionais. 2. Monarquia. 3.Século XXI. I.
Silva, Rodrigo Santiago da. II. Faculdade Damas da Instrução Cristã.
III. Título.

CDU 327

FERNANDA LÚCIA DE SOUZA BEATRICE

A RELEVÂNCIA DA MONARQUIA BRITÂNICA NO SÉCULO XXI

Monografia apresentada à Faculdade Damas da Instrução Cristã - FADIC, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Aprovado em: ____/____/____

Nota: ____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Orientador: Rodrigo Santiago da Silva
FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ – FADIC

Prof. Elton Gomes dos Reis
FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ – FADIC

Prof.: Antonio Henrique Lucena Silva
FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ – FADIC

Sumário

1. <u>INTRODUÇÃO</u>	12
2. REVISÃO DA LITERATURA	16
3. TEORIA.....	27
4. A RELEVÂNCIA DA MONARQUIA BRITÂNICA NO SÉCULO XXI.....	41
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
Referências Bibliográficas.....	63

Lista de Ilustrações

Figura 1: Relação entre identidade, interesse e comportamento	32
Figura 2: Abordagem das Teorias	40
Figura 3: Rainha visita vítimas de Manchester.....	42
Figura 4: Visita da Rainha a República da Irlanda.....	44
Figura 5: Príncipe George conhece Presidente Obama.....	47
Figura 6: Relevância da monarquia.....	62

Lista de Gráficos

Gráfico 1: Monarquia boa para o Reino Unido.....	51
Gráfico 2: Monarquia aqui para ficar?.....	51
Gráfico 3: Apoio à monarquia entre as idades e grupos políticos.....	59

Lista de Quadros

Quadro 1: espectros e fontes de poder.....	29
---	-----------

Resumo

Como um modelo político, a monarquia é uma das formas que está presente há mais tempo. Até o século 19 era o tipo de governo mais comum que existia ao redor do mundo, mas com a chegada do século e do seguinte foram um desafio para as monarquias ao redor do mundo, uma que poucos puderam superar. No século 21, a monarquia mais conhecida e admirada é a instituição britânica na imagem de sua monarca, a Rainha Elizabeth II. Apesar dos desafios que surgiram pelo caminho, a monarquia britânica permaneceu forte, conseguindo se sustentar e virar uma marca global através, não só, da manutenção mas também da expansão de sua relevância, digna de uma análise.

Palavras-Chave: **Monarquia, Século 21, Britânica, Relevância**

Abstract

As a political model, the monarchy is one of the forms that have been around the longest. Until the 19th century it was the most common type of ruling there was but the century and the one that followed were a challenge to monarchies around the world, one that not many could overcome. In the 21st century, the most well-known and admired monarchy is the British royal house in the image of their monarch Queen Elizabeth II. Despite the challenges that appeared along the way, the British monarchy stayed strong, managing to endure and become a royal brand by not only keeping but expanding their relevance, which is worth of analysis.

Keywords: **Monarchy, 21st Century, British, Relevance**

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus e a Nossa Senhora, que a todo momento me estiveram ao meu lado me fazendo persistir.

Agradeço ao Professor Rodrigo Santiago da Silva pela ajuda e paciência e dedicada orientação.

Agradeço a Faculdade Damas, ao seu corpo docente e seus funcionários por terem, todos, contribuído de alguma forma para a minha formação e para a realização dessa monografia.

Agradeço aos meus colegas de graduação que me auxiliaram direta e indiretamente para a conclusão desse capítulo da minha vida acadêmica.

Agradeço aos meus pais Lúcia e Luiz Fernando pelo constante apoio, incentivo e amor não somente nesta fase mas em todas as etapas da minha vida. A minha tia-avó Jadecei pela ativa participação na minha vida e por todo amor e carinho. Agradeço, também a Théo Luiz e Larissa e a todos os outros familiares sempre presentes na minha jornada acadêmica e pessoal.

1. INTRODUÇÃO

O termo monarquia é fortemente associado à Europa, afinal, lá foi onde existiram alguns dos monarcas mais conhecidos até hoje como, por exemplo, Luís XIV, o rei sol; o impiedoso Henrique VIII; Ricardo Coração de Leão; a Rainha Elizabeth, conhecida pelo seu forte investimento no mercantilismo e seu legado nas artes; Napoleão Bonaparte, imperador que se auto coroou; Rainha Vitória, lembrada sempre por sua contribuição para a formação de uma identidade arquitetônica; e, claro, a Rainha Elizabeth II. Esses são apenas alguns dos mais conhecidos monarcas europeus, mas ainda existem vários outros que se destacam na história como Mary Stuart da escócia e Luis XVI. E isso por que estamos mencionando apenas os que de fato existiram por que na verdade a Europa foi palco de grandes monarcas aclamados também na literatura, destacando principalmente o Rei Arthur.

Atualmente na Europa menos de um quinto dos Estados tem como forma de governo algum tipo de monarquia, são eles: o Principado de Andorra, o Reino da Bélgica, Dinamarca, Espanha, Holanda, Liechtenstein, Luxemburgo, o Principado de Mônaco, Noruega, Reino Unido e Suécia. Em alguns países onde a monarquia não existe mais, como na Alemanha, ela ainda influencia no turismo, pois uns dos pontos turísticos bastante visitados no país são alguns dos mais de vinte mil castelos¹ espalhados pela região. Já no Reino Unido, lar da família real mais conhecida do mundo, as três atrações pagas mais visitadas (est.2015) tem sua relação com a realeza, são elas a Torre de Londres, a Abadia de Westminster e o Jardim Botânico real, Kew Gardens.²

Os traços de reinos no Reino Unido datam de antes da unificação do Reino da Inglaterra pelos Anglo-Saxões no século XX ou da formação da base que levaria a unificação do Reino da Escócia no século IX, na verdade, essa tradição vem dos anos 400 a.C. com o fim da autoridade Romana na região central e do sul da Inglaterra. No País de Gales, houve apenas um rei, pois anteriormente a ele a região era subdividida e posteriormente passou a integrar um reino maior, independentemente o histórico de reinos no lugar também é

¹ Fonte: www.mygermancity.com/german-castles

² Fonte: www.telegraph.co.uk/travel/news/most-popular-attractions-in-britain-in-2016/amp/

antiga, existindo a partir do século VI. Há anos cem anos, no entanto, a dinastia no poder é a casa dos Windsor, que rege não só sobre todo o Reino Unido como também do Canadá, Nova Zelândia, Austrália, África do Sul, Bahamas, Barbados, Belize, Antigua e Barbuda, Jamaica, Granada, Papua Nova Guiné, Tuvalu, Ilhas Salomão, São Vicente e Granadinas, Santa Lúcia e São Kitts e Névis.

A história de conflitos e desafios os quais a monarquia britânica foi envolvida e conseguiu enfrentar é algo que reitera a sua força. Podendo destacar como um desafio histórico para a monarquia britânica a histórica revolução inglesa de 1640, um confronto entre, de um lado, a casa real dos Stuart com seus defensores, e do outro, os partidários do parlamento em resposta do que começou com a ascensão de Jaime I ao trono após a rainha Elizabeth I morrer sem deixar herdeiros. A defesa do Rei Jaime I da doutrina absolutista francesa e do aumento dos impostos por parte do mesmo, que, quando confrontado pelos parlamentares a respeito, fechou a instituição política por sete anos. As atitudes do monarca acabaram por prejudicar a até então relação amistosa entre a monarquia e a burguesia. Após a morte de James, ascendeu ao trono seu filho Carlos, infame por sua autoritariedade que provocou mais atritos com o parlamento. O estopim do conflito deu-se em 1637 na tentativa de Charles I de substituir a religião oficial na região da Escócia, e que se viu precisando convocar um exército.

Três anos depois Charles procurou auxílio novamente mas recebeu apenas hostilidade do parlamento em troca e em resposta dissolveu a instituição e assim se deu início a revolução. Com a fuga do então rei, e posteriormente sua execução, estabeleceu-se uma república britânica sobre liderança de Oliver Cromwell mas após a renúncia do seu sucessor o vazio político foi preenchido por Charles II, filho do monarca executado, que apesar de ter tido um reinado conturbado conseguiu permanecer no trono até a sua morte, e recuperar parte do poder da coroa, quando assumiu seu irmão Jaime I, católico, o que iniciou um processo que levaria até a revolução gloriosa.

Pode-se dizer, então que apesar de fatores que poderiam levar ao fim da instituição monárquica, contra todos os desafios a monarquia britânica conseguiu permanecer erguida e relevante. Na Europa no ano mil e novecentos existiam apenas duas repúblicas, as outras nações eram monárquicas, nos dias

atuais, entretanto, restam apenas dez que mantiveram o formato. Apesar de pertencerem ao mesmo continente cada Estado é extremamente diferente um do outro em seus diversos aspectos culturais e forma de pensar mas todos mantêm essa característica cada vez mais incomum. As monarquias desses países também possuem uma característica semelhante que vai além dos seus anos de tradições, todas elas tiveram que superar escândalos, descontentamento e revoltas e reverter a situação à seu favor e hoje em dia mantêm uma media de aprovação em volta dos setenta por cento. Cabe, portanto, ao trabalho analisar como apesar de todas as dificuldades e de momentos históricos desafiadores para esse modo de governo como, por exemplo, a Revolução Francesa em mil 1789, o “The Bill of Rights” exatamente cem anos depois e o século XX, que segundo MacLennan (2011) teria sido a época mais catastrófica para a instituição monárquica, a família real inglesa se manteve erguida e forte.

Existe um constante debate dentro e fora da academia sobre a abolição das monarquias ou sobre como esse tipo de governo seria arcaico, mas não é comum que as pessoas se perguntem por que após enumeras revoluções sociais, bem como mudanças de sistemas e costumes, ainda existem vinte e seis famílias reais que entre elas governam ou reinam sobre quarenta e três Estados diferentes. Seriam esses regimes de fato obsoletos? Não caberia a nós analisarmos tal pergunta e nem deveríamos tratar de forma generalizada. A influência de uma monarquia sobre dado país varia de local para local e de governante a governante dizendo respeito assim à população de cada reino decidir o seu destino. Em contrapartida é de extrema relevância que haja um debate visando compreender os mecanismos utilizados pelas casas reais ainda existentes para não serem consideradas antiquadas e a forma através da qual elas conseguem contornar os obstáculos que aparecem pela frente e manter um bom nível de aceitação, em especial da família real mais conhecida e mais influente mundialmente.

A república e a ditadura são formas de governo amplamente discutidas no âmbito acadêmico em todo o mundo. Os desafios que uma república tem, os problemas gerados pela ditadura, como as redes sociais interferem em cada uma dessas formas de governo, são apenas alguns do temas relacionados que se vê

muito estudado nos dias atuais. Por outro lado, a monarquia é sempre abordada no tempo passado, estudada na época medieval, e pouco se estuda sobre elas nos dias atuais. As monarquias vigentes, em algum momento do século XX, migraram da academia para os tabloides e sua relevância no século atual não é amplamente discutida. É de extrema relevância para comunidade internacional que a monarquia retorne a ser um tópico discutido no âmbito acadêmico com um teor atual para entendermos como elas funcionam no século XXI, que novos desafios surgiram pelo caminho e não só como, mas também por que elas são relevantes.

Cabe ressaltar, ainda, que esse tipo de estudo poderá ajudar na criação de outros estudos com tema semelhante tendo em vista que a monarquia no século XXI ser um tema com pouca bibliografia disponível e visto, também, que serão compartilhadas informações e dados relevantes que irão proporcionar um relativo conhecimento dos mecanismos utilizados pela monarquia britânica para permanecer relevante e atual frente aos desafios por elas enfrentados no século atual. Esse trabalho se faz relevante no âmbito das Relações Internacionais em especial, também, por buscar entender um caráter fundamental da relevância e *Soft Power* (NYE, 2001) de um dos atores globais mais fortes, além é claro do fato de que as decisões relacionadas a monarquia britânica não influenciam apenas o Reino Unido como também dos 52 membros da *commonwealth*, destacando principalmente os 16 E que têm a figura da Rainha, além de chefe da *Commonwealth of Nations*, também como Chefe de Estado.

Sendo assim, a monografia que será dividida em três capítulos cada qual com sua abordagem tem como objetivos, respectivamente, revisar as literaturas acerca do tema, analisar as principais teorias que auxiliarão na resolução do problema de pesquisa, e, finalmente, identificar os métodos utilizados pela casa real britânica para manter-se relevante no século atual para que se chegue ao objetivo geral de analisar como a monarquia britânica se manteve relevante no século XXI.

O primeiro objetivo será trabalhado no primeiro capítulo com o intuito de reunir as literaturas acadêmicas e jornalísticas acerca do tema e trazer informações que serão relevantes à solução da questão de pesquisa. O segundo objetivo será desenvolvido no segundo capítulo e servirá como base teórica para o capítulo

empírico. O terceiro objetivo será trabalhado ao longo do terceiro capítulo, onde será discutido as áreas política, econômica e sócio-cultural onde está presente a influência da instituição e sua relevância nestes âmbitos.

2. REVISÃO DA LITERATURA

Para uma nação, a monarquia é um símbolo de continuidade, nos dias atuais como Conradi (2012, p. 15) afirma, a rainha Elizabeth II é o ponto de partida para qualquer discussão sobre monarquia ocidental, não só por ser a monarca que esteve no trono por mais tempo, mas por reger a casa de Windsor, que para ele, através de uma combinação de história, influência e *glamour* é inigualável no mundo. A casa real britânica é de fato influente e está sempre nas notícias, mas seria apenas uma combinação de *glamour*, história e poder o suficiente para garantir a alta popularidade e a resistência do Reino Unido como um dos dez países europeus que persiste nesse tipo de governo? Para Pillalamarri (2014) a própria continuidade da monarquia é um dos motivos pelo qual as monarquias seriam ainda úteis e relevantes no século XXI, por simbolizar tudo o que uma nação representa e de onde veio, o que pode ser facilmente esquecido com as mudanças políticas.

De fato, a monarquia britânica tem uma longa história, o primeiro rei de que se fala na história inglesa é o rei saxão Egbert, que foi o primeiro monarca a implementar um governo estável e ampla sobre a Inglaterra anglo-saxônica reinando de 827 - 839 D.C. Na Irlanda, o primeiro rei foi Maél Sechnaill, conhecido como “rei de toda Irlanda” que reinou de 846 – 860 D.C. Na Escócia, o primeiro rei foi Kenneth MacAlpin, era rei da dinastia que reinava no norte da região e foi o primeiro rei a governar de 810 – 858 D.C. toda a área, sua dinastia governou a Escócia por boa parte do período medieval. Já no País de Gales, o primeiro rei a governar toda a região galesa foi Gruffydd que segundo Davies (1993, p. 100) teria sido o único rei galês a dominar todo o País de Gales. Há 100 anos, porém, a Dinastia Windsor está no poder nas quatro regiões do Reino Unido, mais tempo inclusive que a formação atual do país que se deu em 1921, com a independência da República da Irlanda. Ilustrando, assim, a continuidade proposta por Conradi e reforçada pelo Duque de Cambridge ao afirmar que “o

exemplo e continuidade provida pela rainha é não apenas muito rara entre líderes, mas uma grande fonte de orgulho e reafirmação.”

Para Otnes e Maclaran (2015), a família real britânica seria uma “marca global”, e afirmam ainda que “mesmo que o mundo marcasse um declínio no número de cabeças coroadas, especialmente na Europa, desde o começo do século XX, a Rainha Elizabeth II e sua família continuaram a atrair fascinação ao redor do mundo”. O que para Ziegler (1978, p. 84) pode ser explicado pelo declínio do poderio britânico trazendo a ideia de que a partir daquele momento então “crescia na família real o orgulho de ser algo exclusivamente nosso, que nenhum país poderia igualar”. Apesar da força da família real britânica neste século e no anterior de maneira nenhuma significa que não houveram dificuldades e desafios. Foi necessária uma mudança e adaptação por parte dos mesmos, além de uma modernização, o que *per si* já seria um desafio, afinal “como modernizar a monarquia sem torna-la forçada e vulgar?”. A transmissão da coroação da Rainha Elizabeth II é um bom exemplo, aproximou a família real dos súditos preservando as partes sagradas, assim, houve um crescimento do sentimento de participação por parte da população mas preservou-se o bom gosto e a aura de mistério que cercava e ainda cerca, a monarquia. Para Canadine (1983, p. 166), o sucesso da transmissão da cerimônia foi tanto que todas as cerimônias reais subsequentes foram “acima de tudo espetáculos televisivos”, um elemento que, para ele, teria expandido a modo de influenciar os próprios rituais.

Se 1992 teria sido considerado o *annus horribilis* da rainha, com três divórcios na família real e o incêndio ocorrido no castelo de Windsor, esses desafios já teriam sido esquecidos vinte anos depois em meio a celebrações ao redor do mundo do *Jubilee* de diamante da rainha, o sucesso das olimpíadas de Londres e o anúncio da gravidez da Duquesa de Cambridge, fazendo com que muitos considerassem 2012 o *annus mirables* da monarca. Mas como explicar o interesse da população pelos acontecimentos na vida da família real? Do ponto de vista do neo-institucionalismo histórico, “O indivíduo é concebido como uma entidade profundamente envolvida num mundo de instituições composto de símbolos, de cenários e de protocolos que fornecem filtros de interpretação [...] Não somente as instituições fornecem informações úteis de um ponto de vista

estratégico como também afetam a identidade” (HALL e TAYLOR, 2003 p. 198) assim, levando em consideração a afirmação de Easton (2012) de que o Reino Unido, apesar de ter se tornado cínico em relação a outras instituições como o Parlamento, a mídia e a polícia permanece leal à monarquia, tornando fácil perceber a influencia dos tais “símbolos, cenários e protocolos”, mencionados pelos neo-institucionalistas, bem como dos acontecimentos para a percepção positiva ou negativa da instituição monárquica, afinal segundo os teóricos previamente mencionados, a instituição afeta diretamente a identidade social.

O apelo da família real ultrapassa as fronteiras britânicas e do *Commonwealth*³, seus membros constantemente estampam capas de revistas, aparecem em sites de notícia e nos telejornais de todo o globo. Para Soares (2014, p.127), “os construtivistas enfatizam as características que regem a teia social internacional, e ainda argumentam que o ambiente no qual os Estados operam não é apenas regido pelo *hard power* [...] Mas também por forças sociais, ideais, valores, cultura e religião”. Assim, pela ótica construtivista torna-se fácil compreender a razão pela qual o *ranking* de “poder leve”, *The Soft Power 30*, teve o Reino Unido em primeiro lugar mundial em 2015 e em segundo, atrás apenas dos Estados Unidos, no ano seguinte, além de ser mencionado como a *Brand Britain* nunca esteve mais forte. O relatório leva em conta fatores como cultura e política e para White (2013) a razão pelo crescimento do *Soft Power* britânico nos últimos tempos se dá pelo aumento da popularidade do que ele chama “nova monarquia” desde o casamento real de 2011 e do nascimento do primogênito do casal em 2013. O teórico neoliberal Joseph Nye (2013), por sua vez, escreveu em um artigo no jornal Financial Times que “o bebê Príncipe George é uma fonte de *real-world power*”.

Os holofotes em cima da família real têm a capacidade de impulsionar o *soft power* britânico, mas pode, também, ter efeitos negativos. Notícias falsas e

³ “o Commonwealth é uma associação voluntária de 52 Estados soberanos independentes” Fonte: thecommonwealth.org; “[...] do qual todos, com exceção de 2, eram parte do Império Britânico no início dos anos 1900, foi criado para amenizar o processo de descolonização britânico. Era visto como uma forma de manter unidade global através de língua compartilhada, história e cultura apesar da crescente independência e governança própria das antigas colônias britânicas”. Fonte: worldatlas.com/articles/what-is-the-commonwealth.html. Fundado com base no Estatuto de Westminster de 1931.

boatos são alguns dos problemas que os “reais” tem que enfrentar. Essa situação, porém, não é algo novo, no começo do século XIX segundo Conradi (2013, p. 286), o rei George III foi responsável pelo “primeiro passo na direção do *management* de mídia real” quando ele, cansado de informações errôneas sobre a movimentação dele e dos membros da sua família, instituiu o *Court Circular*, uma circular com as atividades oficiais da família real que é publicado até os dias de hoje⁴. Apesar de continuar até os dias atuais a circular não é mais o único método oficial de divulgação dos afazeres reais, algumas mudanças foram implementadas nos últimos anos, consequência da globalização que não só trouxe novas formas de mídias sociais mais rápidas, efetivas e acessíveis, bem como, estreitaram as fronteiras. Assim, através de contas oficiais em *social networks* como *Twitter*, *Facebook*, *YouTube* e *Instagram* as mensagens, informações, notícias e notas de esclarecimento que deva ser divulgado aos súditos passam a ser mais rápidas, efetivas e até dinâmicas, chegando mais rapidamente também aos súditos da Rainha Elizabeth II de outras nações ou a qualquer outra pessoa no mundo que tenha algum interesse na vida família real, ampliando assim não só o poder de *Soft Power* exercido por meio do interesse público pela realeza como também se modernizando sem quebrar a tradição da circular. Para Laura Donovan (2015),

“They are encouraging the loyalty of their subjects by engaging with them in a way that resonates with them. Since the monarchy relies on the good Will of the people for their very existence, creating a good relationship with the citizens of Great Britain is a key concern. Social media allows them to connect with the citizens, and more importantly, allows the citizens to feel connected with them.”⁵

Mas a utilização da mídia por parte da coroa como ferramenta de disseminação da sua propaganda não é algo novo, na verdade, o que houve foi apenas uma ampliação dos métodos utilizados já que agora além da rádio,

⁴ Tradução livre

⁵“Eles encorajem a lealdade de seus súditos através de um engajamento de um modo a ressonar com o povo. Já que a monarquia depende da boa vontade do povo para a sua própria existência, criar um bom relacionamento com os cidadãos do Reino Unido é uma preocupação chave. Redes sociais permitem que eles se conectem com a população, e mais importante, permite que a população sintam-se conectada com eles”. Tradução livre.

jornais, revistas e da mídia televisiva entram as novas mídias sociais. Não é apenas a família real que se beneficia com a utilização da mídia como recurso, o próprio veículo comunicativo ganha com o acontecimento. Voltando a coroação da Rainha Elizabeth II televisionada pela BBC, beneficiou também a plataforma que na época era nova, o acontecimento a ajudou a se estabelecer no meio. Esse não seria o único caso de benefício de uma companhia pela ligação com a “marca real”, as roupas utilizadas por eles esgotam, as marcas fornecedoras dos castelos e dos lares reais são as mais procuradas pelos turistas e o selo de marchand oficial da Rainha faz com que os produtos que o recebem tenham sua qualidade atestada ganhando uma maior confiança por parte dos consumidores. O link com a família real faz com que produtos ingleses se valorizem não só internamente como no âmbito global. Um exemplo disso é o caso chinês, segundo Smith (2016) “For Chinese consumers, the Queen top of the list of things they associate with Britain, while Royal connections were one of the main reasons they purchased British luxury goods.”. Segundo Wang (2015), o potencial de marketing da Rainha Elizabeth contribui para o Reino Unido cerca de cento e sessenta bilhões de libras em exportação. Porém, a influência da monarquia na questão econômica do Estado não para por aí. Existe muita reflexão sobre se o modelo seria mais caro ou mais barato do que outras formas de representação. O que se tem certeza, entretanto é que a monarquia movimenta a economia com vendas, entrada para atrações reais e gerando empregos direta e indiretamente.

Muitos acreditam que o papel da família real seria figurativo, apenas de aparências, mas, na verdade, os afazeres reais são muitos e dos mais diversos tipos como trazido por Conradi (2013, p. 70-71),

“Queen Elizabeth II’s calendar each year includes the usual regular meetings with politicians and audiences with diplomats, as well as the more routine dinners and openings. She must also present the 2.500 honours, handed out at twenty or so investitures. In addition there are also high-profile events, rich in pageantry that characterizes the British monarchy: besides the stage opening of parliament there is the Trooping of the Colour [...] The

Queen also presides for the third week of June the Royal Meeting at Ascot Racecourse.”⁶

A família real por ano possui mais de dois mil afazeres oficiais no Reino Unido e ao redor do mundo⁷, dentre eles cerimônias e recepções públicas, eventos de caridade, serviços militares, engajamentos no exterior, prêmios e reconhecimentos entre outros que se alinham a área específica de interesse de cada um, pois geralmente cada membro é responsável por um tema pelo qual eles agem como representantes. É importante saber também que a Rainha Elizabeth, bem como qualquer pessoa que ocupe o trono inglês, tem uma grande quantidade de poderio político dentre as muitas possibilidades que serão posteriormente discutidas de forma mais profunda algumas que se destacam é a de iniciar uma guerra, escolher a pessoa que ocupará o cargo de primeiro ministro e a isenção de ser processada, pois a rainha é acima da lei e assim, também isenta de sofrer ações civis. É provável que o motivo das pessoas acreditarem que a família real possui apenas um *cerimonial role* é porque interessa a todos que seja assim, afinal, esses poderes que estão na mão da rainha são raramente utilizados e cautelosamente escolhidos, como, por exemplo, o poder de frotas navais que foi utilizado com o QE2⁸ para levar tropas para as ilhas *falklands* frente a invasão Argentina em 1982, pois se o uso de tais poderes não alinhasse com o interesse da nação e fosse usados indiscriminadamente pode causar um efeito indesejado e irreversível para a realeza.

Para a enciclopédia britânica monarquia seria:

“[...] Political system based upon undivided sovereignty or rule of a single person. The term applies to states in which supreme authority is vested in the monarch, na individual

⁶ “O calendário da Rainha Elizabeth II a cada ano inclui os encontros regulares com políticos e audiências com diplomatas, bem como jantares e inaugurações mais rotineiros. Ela deve também apresentar as 2.500 honras, entregadas durante aproximadamente 20 *investitures*. Além disso, há também eventos *high-profile*, ricos em pageantria que caracteriza a monarquia britânica: além da abertura do Parlamento tem a *Trooping of the Colour* [...] A rainha também preside na terceira semana de junho o Encontro Real no Ascot Racecourse”. Tradução Livre.

⁷ Fonte: Site oficial da família real britânica (www.royal.uk/role-royal-family)

⁸ “Em abril de 1982, o QE2 era um *linar*. No mês seguinte, era um componente vital da armada britânica das *falklands*” Fonte: Daily Mail

ruler who functions as the head of state and who achieves his position through heredity. Succession usually passes from father to son or follows other arrangements within the family or the monarchical dynasty.⁹

Enquanto isso, no dicionário de política de Bobbio, a monarquia é caracterizada como “um regime substancial mas não exclusivamente monopessoal, baseado no consenso, geralmente fundado em bases hereditárias e dotado daquelas atribuições que a tradição define com o termo de soberania”. Dois são os tipos de monarquia nos dias atuais: monarquia absoluta e monarquia constitucional, sendo a última o modelo utilizado no caso Britânico. A monarquia constitucional na Grã-Bretanha é parlamentarista e segue o sistema Westminster que é um modelo próprio do Reino Unido utilizado apenas por ele e algumas ex-colônias. Segundo Lipjhart (2003), o modelo Westminster possui dez características que o tornam peculiar: A concentração do poder em gabinetes unipartidários de maioria mínima; o gabinete dominante em relação à legislatura; O sistema bipartidário; O sistema de eleições majoritárias e desproporcional; A pluralidade de grupos de Interesse; O governo unitário e centralizado; A concentração do poder legislativo numa legislatura unicameral; A flexibilidade constitucional; A ausência de revisão constitucional; E um banco central controlado pelo poder executivo. Assim, diferentemente de um modelo presidencialista onde temos as posições de Chefe de Estado e de Chefe de Governo ocupadas pela mesma pessoa, no Reino Unido, o primeiro ministro tem a função de Chefe de Governo enquanto cabe a rainha o papel de Chefe de Estado. Para Silva (2013, p.45), muitos observam a existência de um monarca como a base política do país.

“As Head of State, The Monarch undertakes constitutional and representational duties which have developed over one thousand years of history. In addition to State duties, The

⁹ “[...] Sistema político baseado em uma soberania sem divisões ou reinado de uma única pessoa. O termo se aplica a Estados no qual a autoridade suprema é depositada no monarca, um regente individual que funciona como Chefe de Estado e que assume a posição por hereditariedade. A sucessão passa, geralmente, de pai para filho ou segue outros arranjos dentro da família ou dinastia monárquica”. Tradução livre. Fonte: Enciclopédia Britânica (global.britannica.com/topic/monarchy)

Monarch has a less formal role as 'Head of Nation'. The Sovereign acts as focus for national identity, unity and pride; gives a sense of stability and continuity; officially recognizes success and excellence; and supports the ideal of voluntary service.”¹⁰

Dentro do sistema monárquico inglês então a figura da coroa não age só como ícone nacional e Chefe de Estado, mas também como Chefe da Nação e ainda Chefe da Igreja da Inglaterra. O que faz com que além de muitas obrigações a figura monárquica acumule bastante poder. Toda essa importância dentro do país e, como afirma Conradi (2013), o aumento do *status* da rainha a cada ano, são fatores que tornam mais fácil compreender o porquê da Rainha Elizabeth II e sua família serem tão presentes na vida das pessoas, chegando a causar nos súditos uma ligação emocional com a realeza. Para Conradi (2013, p.32) ainda, quando os monarcas casam ou têm filhos é como um evento feliz em nossa família; quando eles morrem, nós sentimos como uma tragédia pessoal.

O sentimento nacional de apego emocional com os membros da dinastia Windsor pode ser também ligada a cultura e as tradições. “Em tempos de flexibilidade e troca, é necessário incluir o processo de globalização apresentando-se como propulsor que impulsionam as culturas populares a sobreviverem” (Lóssio e Pereira, 2007, p. 03). Essa afirmação se alinha com o pensamento de Cannadine (1984) que afirma que apesar do crescimento da educação e da tradição do povo britânico, o gosto público pelos rituais reais aumentou.

“As antigas cerimônias foram adaptadas, foram inventados novos rituais, cujo resultado conjunto foi, paradoxalmente, o de dar a impressão de estabilidade em período de mudanças internas, e de continuidade e conforto em tempos de tensão e declínio internacional. Embora possa existir um sentido no qual a monarquia britânica legitima o seu *status quo*, permanece o fato de que, durante os

¹⁰“Como Chefe de Estado, o Monarca assume afazeres constitucionais e representativos que foram desenvolvidos em mais de mil anos de história. Em adição aos afazeres de Estado, o Monarca tem uma menos formal como ‘Chefe da Nação’. O soberano atua de modo a focar na identidade nacional, unidade e orgulho; dá uma sensação de estabilidade e continuidade; reconhece oficialmente sucesso e excelência; e apoia o ideal de serviço voluntário”. Tradução Livre. Fonte: site da família real britânica (www.royal.uk/role-monarchy)

últimos duzentos anos, mais ou menos, o próprio *status quo* modificou-se profundamente, e a imagem pública e cerimonial da monarquia mudou junto com ele” (CANNADINE, 1984, p. 169).

Com uma valorização da cultura cada vez maior uma instituição mais antiga que o próprio Estado não poderia estar mais *en vogue* nos dias atuais. Para Silva (2013, p. 44), “A linguagem simbólica amplamente utilizada pela realeza britânica tem seus fundamentos na constituição de um código cultural inglês, aqui descrito como herança comportamental e de sentimentos coletivos que se formaram na sociedade ao longo de séculos”. Conradi (2013, p. 32), afirma que o monarca passa a ser visto não como apenas pai ou mãe da nação, mas como a própria personificação do Estado, pois, ele afirma ainda, em um mundo de políticos eleitos que vem e vão, a figura monárquica é constante. O autor continua mencionando que a monarquia é ubíqua e que as referências aos seus membros, passados e presentes, são tecidos na cultura nacional, utilizando como exemplo os termos *Georgian*¹¹, *Edwardian*¹² e *Victorian*¹³ usados como forma de adjetivo até os dias atuais em menção a objetos, valores e características que sejam ou referenciem uma dada época, utilizando-se do nome do monarca que estava no trono no dado momento.

Outro ponto que gera um *appeal* ao redor da monarquia é o fator *fairy tale*. A combinação de exposição e de mistério torna a família real bastante atraente aos olhos do público, principalmente no caso britânico, que exalta tradição e histórias reais e de faz de contas que se misturam. Rei Arthur e a tábua redonda, Henrique VIII e suas seis mulheres, Robin Hood no reino de João, Maria Sangrenta, Maria da Escócia e muitas outras histórias que ficam guardadas no imaginário de pessoas de todo o mundo, algumas reais, algumas lendas, outras misturas de lenda e realidade, mas todas com reis, rainhas, aventura, romance,

¹¹ Corresponde a objetos e características da era georgiana (de 1714 a 1830, quando os primeiros reis da casa de Hanôver: George I, George II, George III e George IV, estavam no poder). Geralmente utilizado em um contexto arquitetônico ou social.

¹² Corresponde a objetos e características da era eduardiana (de 1901 a 1910, quando o Rei Eduardo VII estava no poder). Geralmente utilizado em um contexto arquitetônico ou social.

¹³ Corresponde a objetos e características da era Vitoriana (de 1837 a 1901, quando a Rainha Victoria estava no poder). Geralmente utilizado em um contexto arquitetônico ou social.

mistério, e todas, apesar de antigas, relevantes até os dias atuais. Uma família real nos dias atuais atua como um conto de fadas do dia a dia, os súditos e as pessoas do mundo inteiro que os acompanham vivem uma história em tempo real, acompanhando o nascimento, o crescimento, o primeiro romance, o casamento e o final feliz das personagens, se apega e se emociona como uma narrativa empolgante. Silva (2013, p. 43) afirma que,

“O imaginário e o simbólico se juntam em diferentes nuances e se recriam, formando novas interpretações, permanecendo, no caso da monarquia, para algumas sociedades, como uma residual influência obtido por meio de seculares processos de formação sociocultural desses grupos humanos”

Essa vertente narrativa de conto de fadas dada até hoje aos monarcas pode ser vista em obras como o filme *Jovem Rainha Vitória* onde o tema explorado é o romance entre a Rainha Victoria e o seu príncipe consorte, Albert. O romance de Victoria e Albert é tido até hoje como exemplar e a menção de um raramente acontece sem o outro como, por exemplo, o museu britânico Victoria & Albert, sem títulos reais, para o imaginário inglês Victoria e Albert se bastam, e correspondem aquele romance tão almejado. Para Blaine e O'Donnell (2003, p. 84), quando se há o rompimento entre a “narrativa” e o final feliz, como no casamento entre Charles e Diana, o vácuo deixado pelo conto de fadas é preenchido por uma novela, apesar de, eles continuam, os dois “gêneros” operarem simultaneamente no Reino Unido. As duas porém são contrastantes pois como os autores finalizam “The soap opera is, therefore, a counter-discourse to the official English fairy-tal narrative, and is again chosen specifically to provide a negative and even condescending view of the British Royal family.”¹⁴ (Blaine e O'Donnell 2003, p. 85). É esse também um dos possíveis motivos pelo qual os Windsor repercutem tanto mundialmente, afinal, há centenas de anos as histórias de príncipes e princesas tem tido uma grande popularidade entre indivíduos de todas as partes do globo.

¹⁴ “A novela é, portanto, um contra-discurso à narrativa oficial de conto de fadas inglês, e é novamente escolhida especificamente para criar uma visão negativa e até condescendente da família real britânica”. Tradução livre.

Esse entendimento e admiração internacional pela figura da monarquia inglesa reflete também na maneira do país fazer política. Já foram mencionados alguns papéis e regalias políticas, exercidos e desfrutadas pela rainha internamente bem como a força da imagem pública da família real para os seus súditos e para admiradores de todas as partes do mundo o que influencia, inclusive, na economia. A figura da rainha é bastante presente também nas relações internacionais e exteriores do país, sua popularidade, continuidade e força a fazem o símbolo nacional mais forte e, portanto, a melhor opção para representar o Estado nos momentos mais importantes nas relações com outros atores internacionais. Para Marr (2011, p. 19), por exemplo, a visita oficial à República da Irlanda feita pela Rainha Elizabeth em 2011, não poderia ter sido feita por mais ninguém, pois “Nenhum político britânico serviu por tempo suficiente, ou foi tão afetado pessoalmente, ou teria legitimidade para falar em nome de todos os britânicos [...] nenhum bretão além da rainha tem autoridade para representar os britânicos”.

Se valendo desse princípio, em janeiro de 2017 começaram as repercussões sobre a ideia de a Rainha Elizabeth ter ou não um encontro oficial com o quadragésimo quinto presidente dos Estados Unidos, Donald Trump. Britânicos protestaram contra a ideia exatamente por a rainha ser o símbolo máximo do país afirmando que por ela representar o que a própria nação representa e classe ela não deveria ter de se encontrar com uma figura tão contraditória quanto o presidente, sendo essa uma tarefa para o representante do parlamento. A Grã-Bretanha é uma nação considerada multicultural, e a própria monarca já falou várias vezes positivamente sobre o multiculturalismo como pode ser visto na passagem trazida por Conradi (2013, p.)

“In the case of Queen Elizabeth II [...] her Word can contain a more political message: in 2004, for example, she signalled support for a multicultural society [...] by telling a story [...] ‘some people feel that their own beliefs are being threatened’ she said ‘some are unhappy about unfamiliar cultures. They

all need to be reassured... that diversity is indeed a strenght and not a threat.”¹⁵

Contudo, não apenas a matriarca da família, mas também os outros membros possuem obrigações oficiais no âmbito da política e relações com outros Estados. Davis (2016, p.38) ressalta em seu trabalho sobre a Duquesa de Cambridge a importância da monarquia europeia em diplomacia pública, como a aristocrata, popularmente conhecida como Kate, e seu marido, o Duque de Cambridge, Príncipe William, foram a algumas visitas e tours oficiais em nome da rainha, como para o Canada em 2011 e países como Malásia, Singapura, Ilhas Salomão e Tuvalu na turnê do jubileu de diamante da avó do nobre, em 2012. Em 2016, o casal recebeu o então presidente norte-americano Obama e a primeira dama Michelle no palácio de Kensington. Em 2016 ainda, também em nome da Rainha Elizabeth, o Príncipe Harry, foi a uma turnê no Caribe onde visitou alguns países onde a rainha é soberana e também a Guiana. Assim, mostrando que a vida de um membro de uma família real vive “[...] not a life of sentence, but a life of service”.¹⁶

Com base na literatura revisada e nas teorias estudadas no próximo capítulo será possível responder a questão de pesquisa de “Como a monarquia se manteve relevante no século XXI”, para tal, serão tratados os aspectos político, econômico e de imagem pública da monarquia britânica e sua relevância nos determinados pontos.

2. TEORIA

Joseph Nye (2004, p. 2–5) indica que poder consiste na habilidade de conseguir resultados esperados, mas que algumas pessoas tendem a pesar em

¹⁵ “No caso da Rainha Elizabeth II [...] suas palavras podem conter uma mensagem mais política: Em 2004, por exemplo, ela signalled apoio a uma sociedade multicultural [...] ao contar uma história [...] ‘muitas pessoas sentem que suas crenças estão sendo ameaçados’ ela disse ‘alguns estão infelizes com culturas estranhas. Todos eles precisam ser reafirmados... Que diversidade é, na verdade, uma força e não uma ameaça’”. Tradução Livre.

¹⁶ “[...] não uma vida de sentença, mas uma vida de serviço”. Tradução Livre. Frase dita pela Rainha Margrethe da Dinamarca em 2012 em entrevista televisiva.

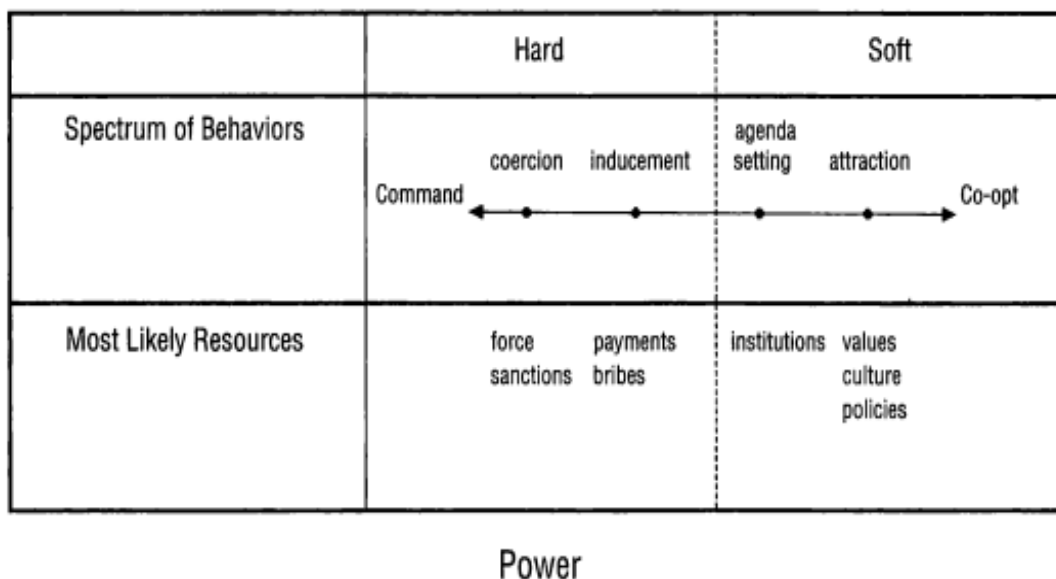
poder apenas em termos de comando e trás o *soft power* como contraponto, sendo esta a capacidade de moldar as preferências de outros. Nye (2014, p. 1) afirma que o chamado *soft power* consiste na “ability to obtain preferred outcomes by attraction and persuasion rather than coercion and payment”¹⁷. Estando geralmente associado com recursos intangíveis como personalidade, cultura, valores políticos e instituições (NYE, 2004, p. 6).

Para Nye (2004, p. 7), *hard* e *soft power* são relacionados pois ambos são aspectos da habilidade de alcançar objetivos através da mudança de comportamento de outros, a diferença entre eles sendo o nível tanto na natureza do comportamento quanto na tangencia dos métodos utilizados. Como pode ser observado na tabela 1, *hard power* seria associado com *command Power*¹⁸ enquanto *co-optive power*, a habilidade de moldar o que os outros querem podendo se utilizar da atratividade de uma cultura e valores ou a capacidade de manipular a agenda de escolhas políticas de uma maneira que outros falhem ao expressar algumas preferências por parecerem irrealistas, é associada com o *soft power*.

¹⁷ “a habilidade de obter resultados desejados por atração e persuasão ao invés de coerção e pagamento”. Tradução livre.

¹⁸ “ a habilidade de mudar o que os outros fazem – podendo se apoiar em coerção ou aliciamento” (Nye, 2014, p.7) . Tradução livre.

Quadro 1: espectros e fontes de poder.



Fonte: Nye (2004)

Assim Nye (2011, p. 11) afirma que

“The ability to command others to change their behavior against their initial preferences is one important dimension of relational power, but not the only one. Another dimension is the ability to affect other’s preferences so that they want what you want and you need not to command them to change [...] This co-optive power contrasts with and complements command power”¹⁹

¹⁹ “a habilidade de comandar outros para que mudem de comportamento contra suas preferências iniciais é uma dimensão importante do poder relacional, mas não a única. Outra dimensão é a habilidade de afetar as preferências dos outros para que eles queiram o que você quer e você não precise comandar para que eles mudem [...] Esse *co-optive power* contrasta com e complementa o *command power*”. Tradução livre.

Nye (1990, p. 157) afirma ainda que enquanto as forças armadas permanecem como a maior fonte de poder num *self-help system*²⁰, o uso de força se tornou mais custoso para grandes potências modernas do que antes já foi, assim outros instrumentos como as comunicações se tornaram importantes, bem como os fatores da tecnologia, educação e crescimento econômico que possuem sua significância tomando proporções cada vez maiores no poder internacional. Assim Nye (1990, p. 167) conclui que,

“Soft co-optive power is just as important as hard command power. If a state can make it’s power seem legitimate in the eyes of others, it will encounter less resistance to it’s wishes. If it’s culture and ideology are attractive, others will more willingly follow. If it can establish international norms consistent with it’s society, it is less likely to have to change. If it can support institutions that make other states wish to channel or limit their activities in ways the dominant states prefers, it may be spared the costly exercise of coercive power.”²¹

Em relação ao soft power britânico, Nye (2013) disse no comitê de *soft power* e influência britânica da *House of Lords*²², no parlamento inglês que o reino unido tem várias ferramentas na área de *soft power* e que o mundo está mudando na direção da era de informação global fazendo com que vários outros aspectos de *networked power* que dependem de informações serão importantes e que a habilidade de usar essas ferramentas que se tem de redes de

²⁰ O *self-help system* consiste na percepção realista em que cada Estado pode contar apenas com si próprio para garantir sua sobrevivência. Fonte: MIGUEL, 2010.

²¹ “*Soft co-optive power* é tão importante quanto *command power*. Se um Estado consegue fazer seu poder parecer legítimo aos olhos dos outros, vai encontrar menos resistência aos seus desejos. Se sua cultura e ideologia são atrativas, outros serão mais a favor de segui-las. Se ele consegue estabelecer normas internacionais consistentes com a sua sociedade, ela será menos propensa a ter que mudar. Se ele mantém instituições que fazem com que outros Estados desejem canalizar ou limitar suas atividades da maneira que os Estados dominantes preferam, ele poderá ser dispensado do custoso exercício do poder coercitivo”. Tradução livre.

²² *House of lords*, ou câmara dos lordes, é uma das câmaras do parlamento inglês e a segunda câmara legislativa mais ativa do mundo, atrás apenas da outra câmara que compõe o parlamento inglês: a *House of commons*, ou câmara dos comuns. A câmara dos lordes possui três funções, questionar e desafiar o trabalho do Governo, trabalhar com a câmara dos comuns para moldar leis, e investigar questões através de comitês e debates buscando melhorar a maneira pela qual o país é governado. Fonte: Site do parlamento britânico. www.parliament.uk/education/about-your-parliament/mps-lords-monarch/what-is-the-house-of-lords/

informações anteriores é algo que a Grã-Bretanha²³ está bem preparada para enfrentar. Para ele ainda, algumas das coisas que vale a pena mencionar em relação ao poder leve do Reino Unido são suas instituições altamente admiradas em outras partes do mundo, a língua inglesa, o *commonwealth* que para ele significa contato não apenas com governos mas também com diferentes grupos sociais, as universidades, a BBC que seria “*the most credible of international broadcasters*”, e a monarquia, mencionando ainda um artigo que teria lido destacando o quão incrível é o fato de que muitas pessoas ao redor do mundo estariam agitados por conta do nascimento de um bebê real.²⁴

Assim, ainda segundo Nye (2014, p. 3)

“In International politics, the soft power of a Country rests primarily on three resources: it’s culture (in place where it is attractive to others), it’s political values (when it lives up to them at home and abroad), and it’s foreign policies (when they are seen as legitimate and having moral authority)”²⁵

A ideia de Nye acerca de poder e *soft power* se faz relevante ao trabalho pois irá ajudar a discutir a questão política e o seu papel na relevância da monarquia britânica no século atual.

A cultura, para Norbert Elias (1989, p. 30), nasce de um conjunto específico de situações históricas e permanece cercado por uma atmosfera específica e de difícil definição que é emocional e tradicional, mas que ainda assim constitui parte geral do seu significado, assim, o conceito reflete em uma consciência daquele grupo como uma nação, tanto no sentido político como espiritual. Com isso, é possível entender o porquê da classificação de Nye (2014, p. 3) de cultura como um dos três mecanismos do *soft power*.

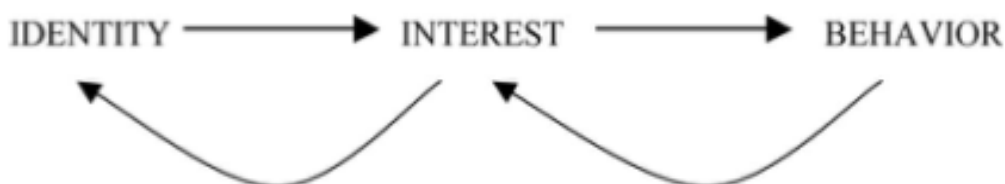
²³ Principal Ilha do Reino Unido. Composta por Inglaterra, país de Gales e Escócia.

²⁴ Fonte: www.parliament.uk/document.uk/documents/lords-committees/soft-power-uk-influence/SoftPowerEvVol2.pdf

²⁵ “Na política internacional, o soft power de um país se apoia primordialmente em três meios: a sua cultura (quando é atrativa para os outros), seus valores políticos (quando preenche as expectativas locais e no exterior), e sua política externa (quando são vistas como legítimas e dotadas de autoridade moral)”. Tradução Livre.

Ned Lebow em sua obra *A Cultural Theory of International Relations*, por sua vez, diz que a cultura é responsável por gerar a identidade. Ele afirma que isso é duplamente feito, pois ela enfatiza ou diminui os componentes de identidade de maneira que os “aprovados” sejam desenvolvidos e expressados, ela é responsável, também, por definir atividades que ganham estima e os mecanismos pelo qual eles são alcançados e celebrados. Assim, ele continua, nós somos o que comemos, falamos e aspiramos se, e como pode ser visto na figura 1, a identidade é importante por determinar nossos interesses que, por sua vez, molda os comportamentos (LEBOW, 2008, p.563).

Figura 1: Relação entre identidade, interesse e comportamento.



Fonte: Lebow (2008)

A figura 1, como é possível perceber, trata-se de uma via dupla, pois, como afirma Lebow, existe feedback em cada etapa do processo e o comportamento dos atores possui potencial de remodelar seus interesses, e mudanças nos interesses podem afetar a identidade. Nesse sistema dinâmico, temos agência e estrutura com importância igualmente distribuída. Lebow (2008, p. 564) afirma ainda como experiências de vida, lições vindas da educação ou leitura, aumentam as percepções dos atores e como essas percepções, ou crenças, têm, assim como comportamento, a capacidade de influenciar tais atores. Para Lebow, atores que participam repetidamente de rituais não conseguem evitar reajustar, mesmo que em parte, as concepções sobre si mesmos para que sejam consistentes com seu comportamento.

Para Wendt (1999, p. 7) o construtivismo encoraja as pessoas a observarem como os atores são socialmente construídos, não importando qual

ator ou sua origem, cabendo a quem os estuda decidir as unidades, níveis de análise ou os agentes e as estruturas na qual eles estão encaixados. Já Onuf (2013, p. 58 - 59) pensa o construtivismo como uma maneira de estudar as relações sociais de todas as formas, e as relações internacionais, que para ele seriam cheias de vozes discordantes, teriam sido a área a qual esse sistema específico de conceitos e proporções abordou primeiramente. Ele afirma ainda que a proposição fundamental para o construtivismo é a de que seres humanos são seres sociais e que relações sociais criam ou constroem as pessoas no ser que elas são. Assim, as pessoas fazem do mundo o que ele é. Para o construtivismo, ainda temos que as pessoas fazem a sociedade e a sociedade fazem as pessoas, como um processo contínuo de via dupla.

Um terceiro elemento é introduzido por Onuf (2013, p. 59 - 60), as regras, que segundo ele teria o propósito de ligar os outros dois elementos, a sociedade e as pessoas. Assim, as regras sociais são responsáveis por fazer o processo de constituição de indivíduos e de sociedade contínuo e recíproco. Essas regras seriam o motivo das pessoas pensarem o que deveriam fazer. Dentre outras coisas, essas regras ditam quem são os participantes ativos da sociedade, esses participantes são chamados pelos construtivistas de agentes. Os agentes por sua vez, atuam na sociedade para alcançar metas que refletem as necessidades e desejo das pessoas.

Onuf (2013, p.61) afirma ainda que do ponto de vista dos agentes a sociedade é constituída por diversas instituições que aparentam ser seguradas em seu lugar por regras que as ligam a outras instituições. Onuf continua, trazendo que qualquer padrão de regras instituições e consequências inesperadas dá uma estrutura a sociedade, se os agentes decidirem que tais consequências são ruins para eles, eles irão agir para mudá-las, possivelmente com outros resultados imprevistos como consequência. Observadores externos, que seriam os agentes de outras sociedades, podem reconhecer uma estrutura mais complexa que os observadores internos, podendo manter distancia ou falar, assim, quando os agentes internos souberem da posição dos observadores, estes também se tornam agentes.

Uma “família” de regras nas relações internacionais é chamada de regime, Onuf (2013, p. 69) trás, afirmando ainda que antigamente eram chamadas de instituições, termo que persiste entre aqueles que estudam as relações sociais. Onuf afirma ainda que os regimes internacionais variam de tamanho bem como de extensão, a balança de poder é um exemplo dessas instituições, pois instituições-regra, como ele chama, constituem e regulam a balança de poder ditando aos grandes poderes o que esperar ao escolher seus aliados e ir à guerra. Mas mesmo a balança de poder, ele continua, como instituição não é tão simples quanto parece, tratados concedem direitos e deveres à aliados e regras limitam a conduta de guerra, o que prevém a balança de ficar permanentemente desestabilizada. Para Onuf (2013, p. 70) os regimes internacionais seriam, no geral, difíceis de detectar, pois as regras que os conectam tendem a ser informais.

Wendt (1999, p. 139) separa a estrutura de sistemas sociais em 3 elementos: condições materiais, interesses e ideias. Esses três elementos apesar de terem papéis diferentes na explicação e de serem distintos, são interligados, sem ideias não há interesses, sem interesses não tem condições materiais significativas. As distinções entre eles, entretanto, é útil para propósitos analíticos que trata a distribuição dos três elementos como estruturas separadas, estrutura ideacional, estrutura de interesses e estrutura material. Wendt (1999, p. 144) afirma que construtivistas tendem a se interessar por estruturas de nível macro, ou seja, o Estado-centrismo²⁶. Nas relações internacionais, continua Wendt, também analisam os efeitos de estrutura nas identidades e nos interesses, que tendem a ser esquecidos por individualistas, ainda assim, o fator primário na abordagem desses teóricos para tratar de cultura depende do efeito construtivo no nível micro e, principalmente, no nível macro.

²⁶ “Deve ser enfatizado que o ‘Estado-centrismo’ nesse sentido não preclude a possibilidade de atores não estatais, sejam domésticos ou transnacionais, possuem importantes, e até decisivos, efeitos na frequência e/ou na maneira em que Estados participam de violência organizada [...] não representa a corrente casual que explica guerras e fim de paz entre Estados, ou mesmo que os Estados seriam o link ‘mais importante’ dessa corrente [...] o ponto é, meramente, que Estados ainda são o meio primário pelo qual os efeitos dos outros atores na regulação de violência são canalizados no mundo”. Tradução Livre. Fonte: WENDT, 1999, p.26.

Em termos de cultura, Wendt (1999, p. 160) acredita que as formas culturais, bem como outros elementos como normas, regras, instituições, convenções, ideologias, costumes e leis, são feitas por *commom knowledge*, que ele traz como nada mais do que modelos mentais compartilhados (WENDT, 1999 *apud* DENZAU e NORTH, 1994). Assim, para ele cultura são crenças enraizadas em um nível, mas também estruturas de conhecimento carregadas por grupos o que gera padrões de nível macro nos comportamentos individuais ao longo do tempo. As estruturas de conhecimento coletivo, então, dependem da crença dos atores em algo que os leve a participar de praticas que reproduzem a estrutura, as ratificando (WENDT, 1999, p. 161–162).

As crenças dos grupos, por sua vez, podem ser chamadas de memória coletiva que para Wendt (1999, p. 162) são as narrativas, os mitos e as tradições que constituem certo grupo e a sua relação com outros, não dependendo apenas de crenças compartilhadas, como também de um fenômeno histórico herdado e mantido vivo por diversas gerações por um continuo de encenação dos rituais e do processo de socialização. Assim, cultura para Wendt é um fenômeno público herdado e comumente sustentado (WENDT, 1999 *apud* TAYLOR 1971, p. 60). Ainda por uma perspectiva construtivista a marca de uma cultura inteiramente internalizada é a identificação dos atores com a mesma, de modo que eles passam a tê-la como parte de si.

Wendt (1999, p. 184) considera ainda que a cultura distribui pesos iguais para agência e estrutura, por serem mutuamente codeterminadas e constituídas. Para ele a melhor abordagem é aquela que reconhece que a estrutura é constituída não apenas por condições materiais, mas por ideias compartilhadas, enfatizando que “*structure exists, has effects, and evolves only because of agents and their process*”²⁷. Para que as estruturas sejam duradouras, Wendt diz que elas devem ser criadas e instanciadas através de interações recíprocas.

Clifford Geertz (1973) afirma que em discussões antropológicas mais recentes há um agrupamento de aspectos morais de uma dada cultura têm sido resumidos pelo termo *ethos*, enquanto os aspectos existenciais, cognitivos,

²⁷ “estruturas existem, produz efeitos e se desenvolvem apenas devido aos agentes e suas práticas”. Tradução Livre. Fonte: WENDT, 1999, p. 185

sendo designados pelo termo *world view*. Assim, o *ethos* é o caráter, a qualidade de vida, moral, temperamento, é a atitude para com si mesmo e seu mundo enquanto o *world view* seria o conceito deles de ser, natureza, sociedade, contendo ideias mais específicas de ordem. Ele afirma ainda que a religião com suas formas, veículos e objetos de adoração são *suffused* com uma aura de seriedade moral, não sendo nem meramente metafísica e nem puramente ética. Assim, crença religiosa e rituais se confrontam e se confirmam mutuamente (GEERTZ, 1973, p. 126 – 127). As diversas perspectivas a respeito de cultura servirão para auxiliar na explanação de *soft power* no terceiro capítulo, bem como auxiliar a entender a relevância da monarquia britânica para a cultura não só do Reino Unido como o de outros países como se dá no caso dos membros da *commonwealth*.

Essa demonstração de relação significativa entre valores e pessoas mantém uma ordem geral de existência no qual se encontra como um elemento essencial em todas as religiões seja qual for a forma que esses valores ou ordem são concebidos. Cabe aos símbolos religiosos, por sua vez, estocar significado, dramatizar os rituais e resumir, para aqueles que eles ressonam, o que se pensa, a qualidade de vida emocional que eles sustentam e a maneira que devem se portar.

A força da religião em sustentar valores sociais se dá pela habilidade dos símbolos de formular um mundo o qual esses valores são fundamentais. Mesmo com sua função variando com o tempo, de indivíduo para indivíduo ou entre as diferentes culturas, a religião dá aos conjuntos de valores sociais o que eles mais precisam para serem coercitivos, uma aparência de objetividade, e a faz através da fusão do *ethos* com o *world view* (GEERTZ, 1973, p.131). Para Geertz a cultura é uma fábrica de significado da forma pela qual os seres humanos interpretam suas experiências e guiam suas ações. Estrutura social é a forma que a ação se dá, ou seja, o *network* de relações sociais que existem de fato, assim, cultura e estrutura social seriam abstrações diferentes em um mesmo fenômeno (GEERTZ, 1973, p. 145).

Elias (1989, p. 29) trabalha também com o conceito de civilização, especialmente a ótica francesa e inglesa do termo, que para ele se refere aos

fatos políticos ou econômicos, religiosos ou técnicos, morais ou sociais. O conceito minimizaria as diferenças nacionais enfatizando o que é comum a todos, manifestando a autoconfiança dos povos. Para Norbert Elias (1989, p. 31) ainda,

“os conceitos de *kultur* e civilização, para sermos exatos, portam o selo não de certas famílias, mas de povos inteiros, ou talvez apenas certas classes. Mas, em muitos aspectos, o que se aplica a palavras específicas de grupos menores estende-se também a eles: são usados basicamente por e para povos que compartilham uma tradição e situação particulares”.

Aliada ao conceito de cultura, o conceito de civilização de Elias bem como os de *world view*, de Geertz, serão importantes para discutir a relevância da monarquia britânica na sociedade inglesa.

Bourdieu, por sua vez, trás a religião, bem como a arte e a língua, como capaz de exercer um poder estruturante, sendo capazes de tal, apenas por serem estruturadas, sendo chamada por ele, assim, de estruturas estruturantes. Esses sistemas simbólicos serviriam como instrumentos de conhecimento e comunicação, tendo o poder de construção da realidade. Ele continua, afirmando que os símbolos seriam, também, instrumentos da integração social por excelência e tornam possível o consenso acerca do significado de mundo social. É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes, portanto, Bourdieu afirma, que os sistemas simbólicos cumprem uma função política de meios legitimadores da dominação. A teoria de Pierre Bourdieu será aplicada no terceiro capítulo a fim de ajudar a estabelecer a ideia da importância dos símbolos e das tradições na relevância da monarquia.

O século XXI é uma era globalizada e conectada e para entender a relevância de uma instituição no século XXI é necessário saber entender os diferenciais e as características desse momento histórico. Cochrane e Pain (2005, p. 5) afirmam que as vidas das pessoas em qualquer lugar do mundo parecem serem moldadas por eventos, ações e decisões que acontecem em lugares distantes de onde eles vivem. Segundo elas, as culturas, economias e políticas parecem se fundir pelo mundo em uma rápida troca de informações,

ideias e conhecimentos. Para as teóricas ainda, com eventos que acontecem longe de nós sendo televisionados em tempo real, manchetes de jornais e chamadas televisivas trazendo aos lares notícias de crises, terror e pânico, sugerindo que o mundo esteja fora do controle, muitos passam se preocupar com incertezas. O que acontece também, segundo Cochrane e Pain (2005, p. 15) é que processos, políticos, econômicos e culturais passam a ser cada vez mais esticadas, transpassando os limites do Estado-nação de forma que os eventos e as decisões que acontecem do outro lado do mundo têm impactos significativos aqui. Assim se referindo ao processo que é conhecido dentro das Relações Internacionais como interdependência complexa, onde atores estatais ou não agem transnacionalmente podendo influenciar os jogos.

Esticar as relações sociais parece estar fortemente ligada à intensificação dos fluxos e *networks* de interação e interconectividade que transcende países, a intensificação, significa que o impacto agora passa a ser sentido mais fortemente do que antes, o que pode ser percebido na densidade das comunicações. Assim, as autoras continuam, a globalização é um termo que tenta tratar o fenômeno complexo de intensificação de comunicação e outras formas de conexão, a interpenetração de práticas econômicas e sociais, a emergência da infraestrutura global a expansão das relações sociais e econômicas. (COCHRANE e PAIN, 2005)

Já Mackay (2005, p. 41), foca nas maneiras diretas pela qual nós sentimos as interconexões previamente mencionadas, no dia a dia, focando principalmente na cultura que segundo ele “in contemporary era [...] has become increasingly mediated”²⁸. Para Moog e Sluyter-Beltrao (2001, p. 30) contanto,

“From the core countries of the global economy to the emerging democracies of the former ‘second’ and ‘third’ worlds, from the top ranks of government and business to the grassroots networks of civil society, political communication is being transformed by global processes of

²⁸ “Na era contemporânea [...] tem se tornado cada vez mais midiática”. Tradução livre.

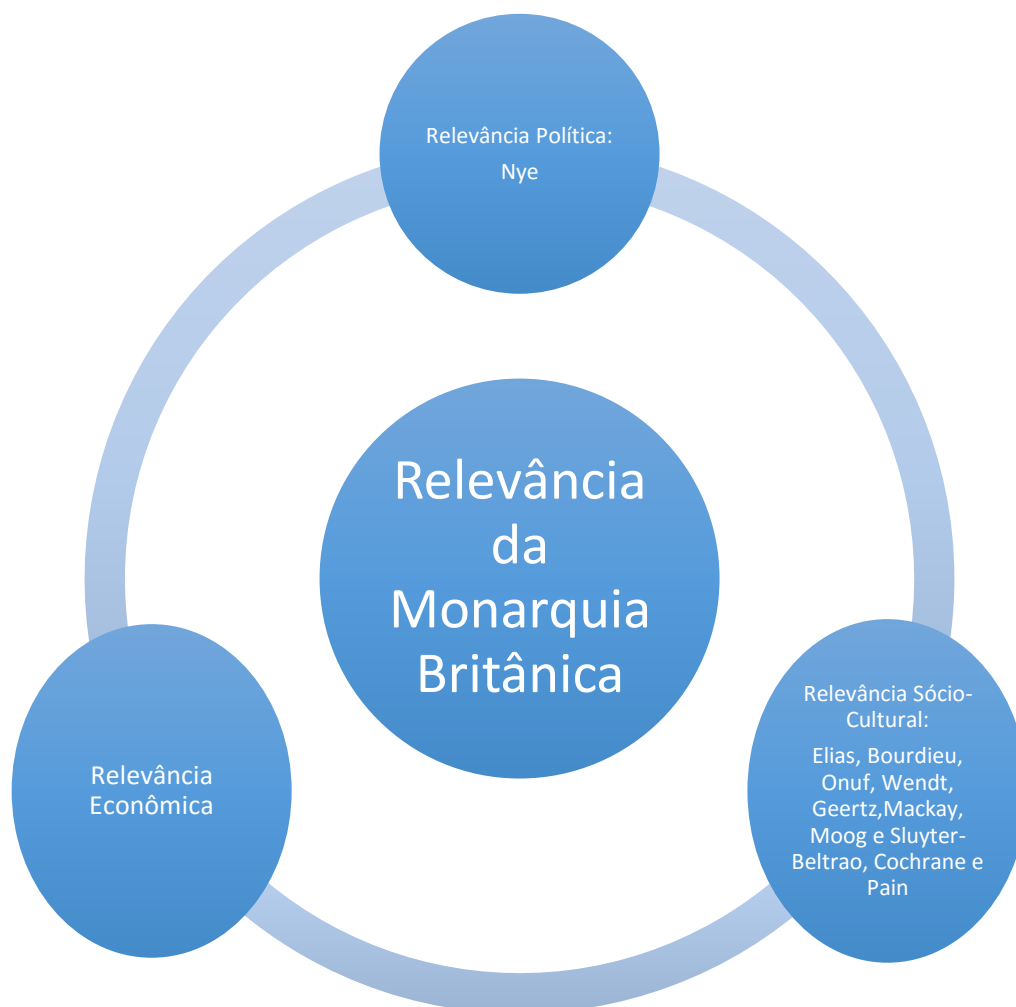
liberalization and deregulation and by the diffusion of new media technologies”²⁹

As teóricas continuam ainda, trazendo que as novas mídias tecnológicas oferecem oportunidades não só para âmbitos comerciais, como também, para comunicações políticas (MOOG e SLUYTER-BELTRAO, 2001, P 56). A contribuição das teóricas e a ideia de Mackay, serão retomadas no terceiro capítulo aliada a de Cochrane e Pain para discutir a influencia da mídia para a

²⁹ “Dos países centrais da economia global, até as democracias emergentes dos antigos ‘primeiro’ e ‘segundo’ mundos, dos topos dos rankings governamentais e empresariais até os menos complexos meios de comunicação, a comunicação política está sendo transformada por processos globais de liberalização e desregulamentação e pela difusão das novas tecnologias de mídia”. Tradução livre.

relevância da coroa britânica e para trazer um maior entendimento do período histórico o qual está sendo tratado.

Figura 2: Abordagem das Teorias



Fonte: Do autor, 2017.

O Esquema 1 trata do modo que o terceiro capítulo será abordado, tendo três âmbitos de relevâncias que estão conectadas entre si, para tratar da relevância da monarquia britânica como um todo. Ao analisar o esquema é possível observar em que área cada teoria discutida será trabalhada para a construção do capítulo empírico e conseqüentemente para analisar a relevância da coroa britânica. Nye e seu conceito de *soft power* servirá como fonte de

entendimento do poder leve britânico e do papel da monarquia nos índices elevados de influência global do país. Já os conceitos acerca de cultura, sociedade e civilização trazido pelos autores Elias, Bourdieu, Geertz e os construtivistas Onuf e Wendt, nos servirá como base para compreender a participação da dinastia Windsor na sociedade e na cultura britânica. Já o uso Cochrane e Pain bem como Moog e Sluyter-Beltrao aliado à Mackay, ajudarão a ilustrar a questão da influencia das mídias sociais dentro de um processo sócio-cultural.

3. A relevância da monarquia britânica no século XXI

Neste capítulo será analisada a participação da família real britânica dentro dos aspectos político, econômico e sócio-cultural que compõem a relevância como um todo da monarquia do Reino Unido como unidades que interagem entre si e se complementam. As teorias exploradas no capítulo anterior, aqui, terão o propósito de servir como uma base para a discussão como visto no esquema 1. Será feita uma análise de objetivo explicativa e caráter qualitativo se utilizando, porém, em momentos específicos de estudo de casos, como a participação da Rainha Elizabeth dentro do caráter político no âmbito externo e interno, recortes de jornais britânicos de ampla circulação no país com o objetivo de melhor ilustrar os momentos destacados. Será feito também a utilização de gráficos com o intuito de analisar a opinião pública acerca da atuação da monarquia.

Para tratar e entender a relevância da monarquia britânica no século XXI é importante observar três vertentes distintas: a política, a econômica e a sócio-cultural, que apesar de três elementos específicos, se entrelaçam. Como visto no primeiro capítulo, Peter Conradi (2013), afirma que a própria existência das monarquias restantes no século XXI, por si só, já caracterizam uma relevância à instituição. Partindo desse principio, será analisada a monarquia Britânica no período de 2001 ao ano atual, 2017.

Partindo do ponto de vista político e da questão interna uma das principais relevâncias é a questão do contraste Estado e Governo. Esse contrabalanceamento é tido, não só como um sistema de maior segurança, pois

quando se possui dois poderes distintos chefiando Governo e Estado, a probabilidade do surgimento de um governo totalitário é menor do que em países onde um mesmo representante ocupa os dois espaços, como também um esquema onde a divisão de papéis é mais clara. Assim, o país se beneficia com uma maior forma de representação, por um lado, um governo eleito que representa sempre a conjuntura política atual do país, enquanto do outro uma representação mor, um símbolo nacional que atua como a maior fonte de representação, interna e externamente, de tudo que o Estado simboliza.

Figura 3: Rainha visita vítimas de Manchester.



Fonte: jornal britânico Metro

Recentemente, como visto na figura 3, após o atentado de Manchester³⁰, quando a população britânica já estava fragilizada devido ao ataque, meses

³⁰ Atentado ocorrido na terça-feira dia 23 de maio na cidade de Manchester na Inglaterra, na arena de Manchester após o show da cantora americana Ariana Grande. O atentado suicida deixou 22 pessoas mortas e 59 feridas. Fonte: brasil.elpais.com/brasil/2017/05/23/internacional/1495490731_587061.amp.html

antes, em Londres³¹, a rainha visitou algumas das vítimas e conheceu alguns dos profissionais do hospital em Manchester responsáveis por tratar das vítimas e auxiliar as famílias. Cabe à figura monárquica tranquilizar e reafirmar a população em momentos difíceis, afinal, como mencionado previamente no primeiro capítulo, a realeza “inspira um enorme afeto entre seus súditos”³², assim, sendo capaz de cumprir esse objetivo com maior eficácia por ser alguém que ‘esteve sempre lá’, quase como um membro da família, diferente de um político eleito indiretamente e temporário.

Outro exemplo, desta vez em âmbito internacional, em 2011, foi a visita de Estado do Reino Unido na República da Irlanda, a primeira em exatos cem anos, como possível observar na figura 4. Após anos de conflitos na segunda metade do século XX entre os dois países uma viagem de Estado, a própria Rainha Elizabeth II visitando o país vizinho foi considerado “um momento extraordinário

³¹ Atentado terrorista cometido no centro de Londres em 22 de março de 2017 que deixou quatro mortos, incluindo o mentor, e ao menos 40 feridos nas imediações de Westminster. Fonte: brasil.elpais.com/brasil/2017/03/22/internacional/1490194314_103355.amp.html

³² Tradução Livre. Peter Conradi (2013, P. 8)

na história”³³, feito que não teria o mesmo efeito se conduzido pelo então chefe de governo ao invés da rainha.

Figura 4: Visita da Rainha a República da Irlanda.



Fonte: jornal britânico The Guardian

Outro grande fator de poder político do Reino Unido e da monarquia é o *Commonwealth*. O grupo majoritariamente formado por ex-colônias britânicas é uma organização internacional baseada em diferentes religiões, culturas e religiões que existe com o intuito de fomentar cooperação internacional entre pessoas ao redor do mundo. Assim, o *Commonwealth* atua como uma zona de influencia do Reino Unido, e possui a figura da Rainha Elizabeth II como chefe. A existência, ou até, persistência do *Commonwealth* nos dias atuais está

33 Tradução Livre. Fonte: Jornal britânico The Telegraph. www.telegraph.co.uk/news/uknews/theroyalfamily/8515165/Queens-visit-to-ireland-extraordinary-moment-in-history.html

bastante atrelada a figura da rainha, sendo considerado um dos principais acontecimentos do seu reinado, e sua devoção ao grupo rendeu inclusive conflitos com primeiros ministros demonstrando sua devoção não somente à seu papel como chefe de Estado como também como cabeça da organização. A participação da Rainha e a ligação entre a figura dela e o grupo são gigantes, em 1973, quando o governo britânico se opôs a participação da mesma no Encontro dos Chefes de Governo do Commonwealth ela não levou a indicação em consideração e compareceu sim, como chefe do grupo.³⁴

Uma outra obrigação política da Rainha Elizabeth II, e daqueles monarcas que a sucederem, é a de abrir o parlamento. *The State Opening Of Parliament* acontece anualmente sempre no primeiro dia de uma nova sessão parlamentar. O principal evento cerimonial do parlamento britânico atrai grande audiência em pessoa, televisiva e virtual, sendo importante não apenas politicamente como culturalmente por ser uma tradição no país. A abertura começa com a saída da Rainha do palácio de *Buckingham* em direção à *Houses of Parliament*. Outro momento requer um discurso da monarca de seu trono na Casa dos Lordes.

O commonwealth além de um grupo influente e importante nas relações internacionais também é tido como um fator de poder brando. Como visto no segundo capítulo ao analisar Nye, o *soft power* é constituído de elementos não tangíveis. A empresa britânica de comunicações, *Portland*, anualmente publica um relatório e um ranking de poder leve, nesses relatórios, o Reino Unido ficou em primeiro e segundo lugar em 2015 e 2016, respectivamente. O relatório explica os métodos utilizados no processo de classificação que vai gerar a lista com os 30 maiores índices de *soft power* mundial, então, o resultado é apresentado seguido de pequenas pontuações sobre cada país citado e alguns artigos de pesquisadores da área. O processo utilizado pela *Portland Communications* se baseia na análise de dados objetivos: Governo, Digital, Cultura, *enterprise*, engajamento e educação, que constituem 70% da nota de cada país. Os outros 30% são feitos através de dados pesquisados, que são: gastronomia, produtos tecnológicos, amabilidade, cultura, bens de luxo, política

³⁴ Fonte: www.telegraph.co.uk/news/uknews/queen-elizabeth-ii/10539479/Only-the-Queen-understands-the-true-value-of-the-Commonwealth.html

externa e modo de vida. No ranking de 2015³⁵, no qual o Reino Unido apareceu em primeiro lugar, cita dentre outros fatores, a participação no grupo do *Commonwealth* e a família real. O de 2016³⁶, por sua vez, destaca a cultura vibrante, a herança considerável e a história do país como pontos fortes e cita novamente o grupo internacional chefiado pela Rainha.

A família real britânica é uma parte de importância tremenda e inegável da cultura britânica. Cultura, como visto no segundo capítulo, é tido por Joseph Nye como um dos três meios, ou das três principais fontes de soft power, sendo assim possível afirmar que a Realeza atua como ferramenta de poder leve do Reino Unido. Nye associa na Tabela 1 o uso da atratividade da cultura e de valores como forma de *co-optive power* e menciona as instituições altamente admiradas em outras partes do mundo, como é o caso da instituição monárquica, como forma de poder leve. Também no segundo capítulo, vimos a menção de Nye (2012) ao príncipe George como fonte de Soft Power. Vemos na figura 5, a imagem do pequeno Real, com apenas dois anos então, quando os então presidente e primeira dama dos Estados Unidos visitaram o palácio de Kensington para um jantar, e George teria ficado acordado para conhecê-los e agradecer pessoalmente o presente de aniversário que recebeu do casal um ano antes. O ato do príncipe não foi apenas um gesto de educação como também

³⁵ Fonte: <http://softpower30.portland-communications.com/ranking/#2015>

³⁶ Fonte: <http://softpower30.portland-communications.com/ranking/>

um gesto político, para Ssebunya “A handshake is one of the universal virtues as a sign of civility”³⁷.

Figura 5: Príncipe George conhece presidente Obama.



Fonte: Daily Mail.

Ao tratar da figura 5, vemos, ainda em George, a influencia da monarquia em fatores econômicos. A imagem que circulou o mundo do real apertando a mão do então presidente norte-americano desencadeou uma alta de vendas do robe vestido pelo pequeno, fazendo com que as visitas ao site da marca britânica de roupas infantis responsáveis pelo item aumentassem em 500% e a venda da peça em questão subisse 750%³⁸. Esse é apenas um dos exemplos da influencia indireta da monarquia na economia. Com sites dedicados exclusivamente a seguir os estilos dos reais e onde comprar as peças, chegaram a classificar a alta na venda de produtos devido ao uso de membros da família real britânica como “Kate, George and Charlotte Effect”³⁹. Um *report* lançado anualmente

³⁷ “Um aperto de mão é um das virtudes universais como um símbolo de civilidade”. Tradução Livre. Fonte: <http://newz.ug/the-politics-of-a-handshake/>

³⁸ Fonte: Daily News. www.nydailynews.com/amp/entertainment/prince-george-bathrobe-latest-line-royal-sell-outs-article-1.2613566

³⁹ “O efeito Kate, George e Charlotte”. Tradução Livre. Fonte: [HTTP://home.bt.com/lifestyle/money/money-tips/how-the-queen-and-the-royal-family-boost-the-uk-economy-11364067030820](http://home.bt.com/lifestyle/money/money-tips/how-the-queen-and-the-royal-family-boost-the-uk-economy-11364067030820)

afirmou que (est. 2016) a família real seria avaliada em cinquenta e oito bilhões de libras esterlinas, tendo sido responsável por contribuir para a economia do país cerca de um bilhão da mesma moeda no ano de 2015, incluindo vendas e turismo.

Dentro dessa contribuição no ano de 2015, atribui-se mais de cento e cinquenta e dois milhões ao “*Kate Effect*”, tendo beneficiado marcas como Burberry, Reiss e LK Bennett, quanto ao “*George Effect*” foram atribuídos setenta e seis milhões de libras, quanto ao efeito da sua irmã, o “*Charlotte Effect*” foi responsável pela colaboração de cerca de cento e catorze milhões da moeda oficial britânica na economia, espera-se ainda que até os seus dez anos a pequena princesa chegue a contribuir um bilhão para a economia com a sua influencia⁴⁰.

Além da influência nas vendas a monarquia contribui também de forma direta através dos empregos nos palácios e residências, estima-se que a rainha Elizabeth II possua mais de mil serventes⁴¹ (est. 2016) além dos trabalhos referentes à parques reais e ao chamado turismo real. A influencia real no turismo é mais palpável quando há algum evento acontecendo na vida da família real, uma comemoração especial, um nascimento, um casamento, entre outras festividades que não só fazem com que mais pessoas viajem para o país como também faz com que turistas gastem com *souvenirs* comemorativos, não apenas nas lojas oficiais como nas pequenas lojas especializadas em vendas de lembrancinhas.

Um bom exemplo disso foi o casamento real em 2011 que levantou em vendas de souvenir cerca de cento e sessenta e três milhões de libras esterlinas⁴². No ano seguinte, em 2012, com o jubileu da Rainha, marcas e empresas inglesas também relataram um aumento em suas vendas⁴³, enquanto que com o

⁴⁰ Fonte: [HTTP://home.bt.com/lifestyle/money/money-tips/how-the-queen-and-the-royal-family-boost-the-uk-economy-11364067030820](http://home.bt.com/lifestyle/money/money-tips/how-the-queen-and-the-royal-family-boost-the-uk-economy-11364067030820)

⁴¹ Fonte: www.forbes.com/sites/ceciliarodriguez/2016/10/25/buckingham-palace-101-a-commoners-guide-to-working-for-queen-elizabeth/amp/

⁴² Fonte: www.telegraph.co.uk/finance/personalfinance/investing/9295717/How-to-profit-from-the-Queens-Diamond-Jubilee.html

⁴³ Fontes: www.telegraph.co.uk/finance/newsbysector/retailandconsumer/9326890/Ted-Baker-thanks-Queen-for-Jubilee-lift-in-sales.htmls ;

nascimento da princesa Charlotte em 2015, houve um aumento anual de 11% na venda de souvenirs oficiais, um equivalente à dezesseis milhões e quatrocentas mil libras.

Uma maneira, e talvez a maneira mais tradicional, pela qual a monarquia ajuda marcas britânicas e impulsiona a economia através da demanda pelos produtos, é pelo chamado *Royal Warrant*. "A *Royal Warrant of Appointment* is a mark of recognition of those who have supplied goods or services to the Households of HM The Queen, HRH The Duke of Edinburgh or HRH The Prince of Wales for at least five years, and who have an ongoing trading arrangement"⁴⁴. O selo, que serve Como uma espécie de aprovação por parte dos nobres às empresas, serve como um indicador de qualidade para os consumidores, sendo visto muitas vezes como o mais alto sinônimo de luxo, mesmo se tratando as vezes de produtos sem muito valor agregado como biscoitos, simplesmente por estarem ligados de alguma forma e de serem utilizados pela realeza. O impacto da garantia real ultrapassa fronteiras, sendo não só sinônimo de qualidade no Reino Unido, como em outros lugares do mundo. Um dos países que mais valorizam o selo é a China, onde os consumidores, na maioria entre os 25 e 45 anos⁴⁵, são fieis aos produtos e suas marcas. Esse alcance internacional da monarquia britânica não se repete em outras monarquias na Europa ou em outras partes do globo e o reflexo desse fenômeno nas vendas, para Otnes e Maclaran (2015) é o que destaca a sobresaliência da instituição britânica em relação as suas similares ao redor do mundo, fazendo com que a família real inglesa virasse uma marca global.⁴⁶

Como discutido no segundo capítulo, Norbert Elias considera que o nascimento da cultura se dá através de conjuntos específicos de situações históricas cercado por uma atmosfera de tradição e emoção refletindo na ideia

www.telegraph.co.uk/finance/newsbysector/retailandconsumer/9328362/Sainsburys-sales-boosted-by-Queens-Diamond-Jubilee.html ; www.bbc.com/news/business-18623215

⁴⁴ "O *Royal Warrant of Appointment* é uma marca de reconhecimento daqueles que tem fornecido bens ou serviços para a residência de Vossa Majestade a Rainha, Sua Alteza Real o Duque de Edimburgo ou Sua Alteza Real o Príncipe de Gales por pelo menos cinco anos, e que tenham um compromisso de troca vigente." Fonte: <https://www.royalwarrant.org>

⁴⁵ Fonte: <http://www.scmp.com/lifestyle/fashion-luxury/article/1843088/stores-holding-royal-warrants-hit-chinese-customers>

⁴⁶ Fonte: www.theatlantic.com/international/archive/2015/10/british-royal-monarchy-queen-elizabeth/411388

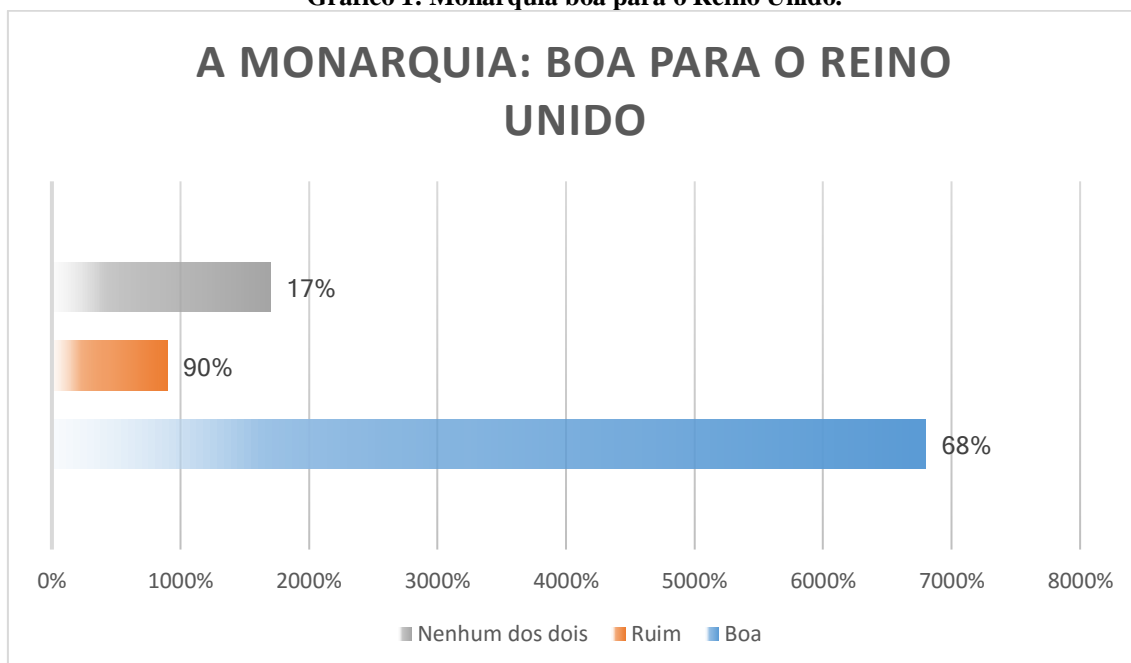
nacional de um povo. Os diversos momentos históricos específicos pelo Reino Unido definiram a monarquia como parte cultural importante para o país e seu povo, influenciando na dinâmica oficial daquele conjunto de pessoas não só a nível político e econômico como também, como veremos agora, em nível sócio-cultural. Como foi visto no começo do capítulo em termos político a Rainha Elizabeth representa como chefe de estado o que o Reino Unido é na integra, fora desse âmbito também. Quando se fala em Inglaterra, por exemplo, logo se vem a cabeça a ideia da família real, em especial a dos Windsor, no poder há mais de cem anos.

Foi visto no segundo capítulo, na figura 1, um esquema onde Lebow (2008) discute a importância da identidade na determinação dos interesses e do comportamento social, a monarquia então, como forte fator identitário britânico é um dos objetos responsáveis por esse processo dentro do Reino Unido, os rituais que acontecem constantemente no país, desde festas no jardim onde cidadãos que tiveram impactos positivos na sociedade durante o ano são celebrados pelos membros da família real como em eventos esportivos ligados a dinastia e abertos ao público, ou até através das pequenas tradições como a mensagem de natal da Rainha, segundo Lebow (2008), ajustam as concepções dos nativos sobre si mesmos, como visto no segundo capítulo. Não somente uma grande participação no caráter identitário da população britânica e influencia na dinâmica e no dia a dia da sociedade, mas também os grandes níveis de aceitação da monarquia e da família real por parte dessas pessoas reafirmam a relevância socio-cultural da instituição para o país. No segundo capítulo, vemos também a afirmação de Onuf (2013) de que quando os agentes identificam que instituições não os beneficiam ou, quando suas consequências são ruins, eles agem a fim de mudar a situação, enquanto isso observa-se no gráfico 1, que no Reino Unido, há uma grande popularidade da instituição monárquica com 68% de índices de aprovação e apenas 9% que consideravam o modelo como ruim⁴⁷.

⁴⁷ Fonte: <https://yougov.co.uk/news/2015/09/08/monarchy-here-stay/>

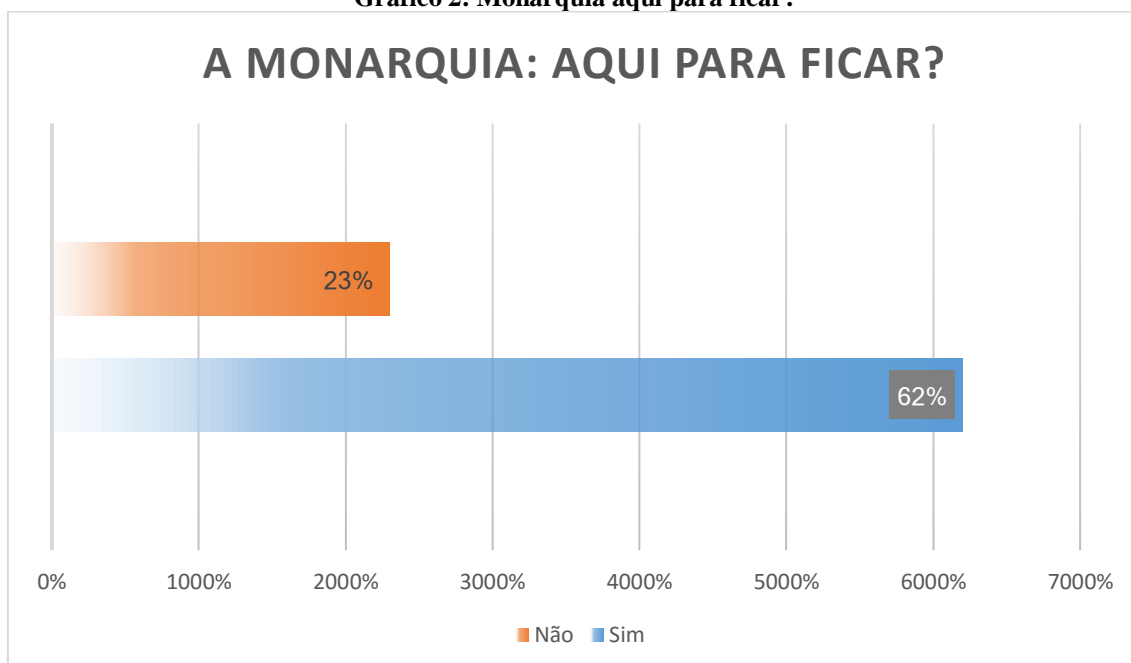
Assim, retomando novamente a ideia de Conradi (2013) de que a própria existência da mesma já serve como símbolo de sua relevância.

Gráfico 1: Monarquia boa para o Reino Unido.



Fonte: Governo britânico.

Gráfico 2: Monarquia aqui para ficar?



Fonte: Governo britânico

No gráfico 2, por outro lado, ao serem perguntados se a monarquia hereditária ainda existirá no país daqui a 100 anos, 62% das pessoas afirmaram acreditar que sim e que o modelo no Reino Unido estaria para ficar.

Assim, a monarquia como símbolo cultural e instituição, bem como os símbolos atrelados a ela como as tradições e a religião servem para compor a identidade britânica e serve como cartão de visita da sociedade. Wendt (1999) traz o fenômeno histórico herdado e as crenças compartilhadas como um processo contínuo de socialização e Bourdieu complementa a ideia de que a religião é capaz de exercer um poder estruturante. O *link* entre a monarquia e a religião no Reino Unido é bastante intenso desde seus primórdios e principalmente após Henrique VIII com a criação do anglicanismo. O censo de 2011⁴⁸ traz a informação de que cerca de 60% da população do país é cristã, e assim é também a família real, que segue a religião de Estado, a qual a Rainha exerce o papel de chefe e exerce inclusive o papel de apontar bispos e arcebispos⁴⁹. Além dos deveres citados, cabe também a rainha como chefe da Igreja prestar o papel de “Governadora Suprema” promovendo o Anglicanismo no país.⁵⁰

Focando nas tradições britânicas, boa parte delas teve ou ainda tem alguma ligação ou até mesmo participação da figura monárquica e de outros membros da família real. Dentre os famosos costumes tipicamente britânicos⁵¹ são apontados o hábito de receber e enviar cartões comemorativos, costume bastante representado pela rainha que possui o costume de responder cartas e enviar cartões comemorativos aos seus súditos em datas como aniversário de cem anos e aniversários de casamento acima de sessenta anos, e que já trocou cartas de natal por sessenta anos com um senhor que morava na Turquia. Além desse costume, outros listados foram a troca da guarda real no palácio de *Buckingham*, se orgulhar de comemorar datas especiais e assistir o, previamente

⁴⁸ Fonte: Censo britânico de 2011

⁴⁹ Fonte: www.projectbritain.com

⁵⁰ Fonte: www.telegraph.co.uk/news/uknews/queen-elizabeth-ii/8939402/Queens-role-as-head-of-church-may-no-longer-be-appropriate.html

⁵¹ Pesquisa feita pelo jornal britânico *The telegraph* em 2016. Fonte: www.telegraph.co.uk/news/2016/04/20/revealed-top-50-typically-british-traditions-do-you-agree/amp/

mencionado, discurso da rainha no dia de natal. Este último citado também dentre as tradições de natal no Reino Unido⁵². Assim, é possível concluir que a família real tem participação no conceito de ser quanto sociedade do Reino Unido ou do *world view*, como visto do capítulo anterior ao tratar Geertz (1973), britânico, que para ele inclui não só os aspectos sociais como também os religiosos, também tratados aqui previamente, como os aspectos políticos e econômicos que mais uma vez se encontram.

Outra tradição típica considerando a maioria cristã do país é a celebração da *maundy thursday*. O termo que referencia apenas a quinta feira santa que também é considerado feriado em outros Estados cristãos, possui uma dinâmica diferente no Reino Unido, pois lá, não só marca o começo da páscoa mas também é um evento cultural. Toda *maundy Thursday* em Londres é marcada pelo *service*⁵³ e após esse momento, na saída da rainha da igreja o número equivalente a idade da monarca é selecionado de homens e uma mesma quantidade de mulheres, que receberão o *maundy Money* diretamente da rainha. A tradição vem da interpretação litúrgica de que a quinta feira santa seria dia de repartir e de doar dinheiro aos menos favorecidos, assim, a rainha entrega dois saquinhos, um branco e um vermelho a cada uma das pessoas selecionadas que são geralmente recomendadas pelas igrejas em reconhecimento da sua devoção a instituição e à comunidade, o saco vermelho vem com uma pequena quantidade de moedas um presente da soberana simbolizando alimento e roupas enquanto o segundo contem a quantidade de moedas que somam a idade da monarca.⁵⁴

Com um passado e uma historia interconectados entre a família real e o povo britânico, com a semelhança religiosa, tradições e costumes compartilhados como também pela sensação de que estão sempre lá, um grande nível de *appeal* cerca a monarquia britânica, e a aproxima de seus súditos. Essa “aproximação distanciada” gera com que as pessoas sintam uma conexão forte somos membros da dinastia Windsor como se fossem familiares mas também

⁵² Fonte: mentalfloss.com/article/89676/10-uk-christmas-traditions-confuse-americans

⁵³ Missa. Tradução livre.

⁵⁴ Fonte: www.royal.uk/royal-maundy-service; www.telegraph.co.uk/news/uknews/queen-elizabeth-II/11512515/Queen-hands-out-Royal-Maundy-alms-at-Sheffield-Cathedral.html; www.learnenglish.de/culture/easter.html

gera uma nuvem de curiosidade sobre os mistérios que cercam a realeza. Assim, a necessidade de acompanhar oscila entre saber o que está acontecendo com a família enigmática e sentir a aproximação de receber notícias de pessoas “próximas”. Nesse sentido temos, como foi visto no primeiro capítulo, uma ideia de *fairy-tale* ou *soap opera*.

Em momentos como celebrações de aniversários, jubileus, casamentos e nascimentos o elemento *fairy tale* se sobressai e as pessoas acompanham quase como numa ideia de contos de fadas tradicionais. Com a proximidade entre a instituição e a população é como se estivessem celebrando o aniversário de um amigo ou o nascimento de um primo, o país se mobiliza, celebra, comemora, ri e chora. Uma outra face da relação entre a instituição monárquica e seus súditos toma um caráter de *soap opera*, uma novela, uma saga intensa, com dramas familiares, divórcios, doenças, escolhas ruins, gastos exacerbados e adolescentes rebeldes, apesar de a primeiro momento não parecer o desenrolar da história monárquica de uma maneira que possa ser comparada a uma trama televisiva produz um apelo e aproximação tão grande quanto o outro, atuando como um fator que torna os personagens mais reais, mais humanos. Ambos processos são amplamente disseminados através do uso da mídia com diversos jornais respeitáveis e veículos informativos e revistas auxiliando na vertente *fairy tale* e tablóides explorando a ideia de *soap opera*.

O casamento real de 2011 entre Catherine Middleton e o primogênito do príncipe Charles e da princesa Diana, o príncipe William, foi um típico momento *fairy tale*, acompanhado e televisionado pela BBC e por muitas outras companhias televisivas ao redor do mundo todos poderiam ver de suas casas e sentir como se tivesse participado do evento. Em tempo real se comentava no *twitter* sobre o vestido, os convidados, e as roupas escolhidas por eles. Além dos mais de trezentos *tweets* por segundo relacionados ao evento, das dez posições das frases mais comentadas, as chamadas *trending topics*, em especial a que afirmava que as pessoas estavam orgulhosas de serem britânicas, outras redes sociais tiveram um papel importante durante o evento como o *Google*, que fez um *live stream*⁵⁵ que foi assistido por mais de quatrocentos milhões de pessoas

⁵⁵ “Transmissão ao vivo” Tradução livre.

ao redor do globo⁵⁶. Outra rede social utilizada pelos telespectadores do casamento real foi o *facebook*, onde por segundo mais de setenta e quatro *posts* acerca do tópico eram feitos.⁵⁷

Em 2017, uma obsessão similar foi vista acerca de outro casamento que foi classificado pelo jornal americano *The New York Times* o “*the not-quite-royal wedding*”⁵⁸, quem casava dessa vez era a cunhada do príncipe William e irmã da duquesa de Cambridge, Pippa Middleton. Apesar do fato de que nem ela nem o noivo são membros da família real não pareceu importar e a proximidade já foi o suficiente para comover pessoas ao redor do mundo e enche-las de curiosidade a respeito dos convidados, da decoração e do vestido. Todo um perfil do casal foi montado no site do jornal de maior circulação nos Estados Unidos. No dia anterior ao evento também grandes nomes da mídia impressa internacional, jornais e revistas em seus formatos online, criaram *posts* informando como seria possível assistir a transmissão ao vivo do lado de fora do casamento, outras como a revista Hello, conhecida por matérias sobre as monarquias mundiais, fizeram *updates* ao vivo no dia e no caso da americana People e de veículos britânicos famosos transmitiram eles mesmos através de suas redes sociais. Um fator que pode explicar esse fascínio não apenas norte-americano, mas global, é o de que países que não possuem monarcas próprios tendem a se interessar pelos de outros países, voltando na ideia da busca das pessoas por uma *fairy tale* ou uma *soap opera*. Para que isso possa acontecer mais efetivamente o auxílio da mídia é primordial.

As formas de mídia têm sido aliadas da monarquia há muitos anos, a rede BBC tem sido uma aliada poderosa desde o casamento da rainha Elizabeth II e tem sido a companhia de transmissão oficialmente ligada a família real sendo até hoje a primeira, quando não, única, corporação de mídias a ter acesso aos Windsor. Como visto anteriormente neste capítulo, a tradição presta um papel importante na existência da monarquia e na proximidade da família real com o povo mas no século XXI, como visto no capítulo anterior com Mackay (2015), na

⁵⁶ Fonte:<http://www.telegraph.co.uk/news/uknews/royal-wedding/8484289/Royal-wedding-Twitter-frenzy.html>

⁵⁷ Fonte:<http://www.telegraph.co.uk/news/uknews/royal-wedding/8483430/Royal-wedding-swamps-Twitter-Facebook.html>

⁵⁸ “O casamento não tão real”. Tradução Livre.

era contemporânea as conexões tem se tornado cada vez mais midiáticas, e a adaptação da família real a esse processo em andamento é fundamental para manter ou aumentar sua popularidade principalmente entre os mais jovens e melhorar ainda mais sua performance de *soft power* utilizando-se de redes instantâneas de informação tendo, assim, um alcance global. Assim, quando se trata de monarquia é de extrema importância aliar a história e a tradição que a torna parte indispensável de cultura e costumes britânicos, mas aliar também a elementos específicos do mundo globalizado atual ampliando assim a extensão da sua relevância e auxiliando na sua permanência.

Em uma breve *timeline*, temos a inserção da família real nas novas redes sociais em 2009 no *twitter* com o perfil oficial da família real. Em 2010 é a vez da *Clearance House*, residência oficial do duque e da duquesa da Cornualha, criar sua conta oficial na rede social e da família real marcar presença no *facebook* através da criação de uma conta oficial. Já em 2011 a duquesa de York e a sua filha a princesa Beatrice criam a sua conta no *twitter* e em 2013 o duque de York, ou príncipe Andrew, seguiu os passos de seu irmão mais velho, esposa e filha e criou a sua conta oficial. Em 2014 então, *Kensington Palace*, a residência oficial de William, Kate e Harry, teve uma conta criada e o primeiro *tweet* foi escrito e enviado pela Rainha Elizabeth através da primeira conta feita durante a inauguração da galeria de tecnologia no museu de ciências de Londres, em 2016 a rainha tuíta novamente para agradecer a todos que mandaram parabéns pelos seus 90 anos, ainda em 2016 o novo site oficial da família real é lançado, incluindo um *design* mais moderno e uma página dedicada a cada membro. Em 2017, os membros da família real mandam os parabéns para a rainha através de suas contas oficiais e se utilizando de *hashtags* especialmente pensadas para o evento⁵⁹.

Essas contas nas plataformas sociais têm servido como fonte de informações a cerca dos membros da família real e trazem uma aproximação dos mesmos com o público. Complementando a tradicional *court circular*, as

⁵⁹ Fonte: <http://www.bbc.com/news/uk-36588641> ; <http://www.vanityfair.com/style/2017/04/royal-family-queen-elizabeth-birthday-tweets> ; <https://www.theguardian.com/uk-news/2017/feb/16/the-royal-twitterati-how-the-monarchy-learned-to-love-social-media> ; <http://royalcentral.co.uk/blogs/how-the-royal-family-embrace-social-media-24812> ; https://www.facebook.com/pg/TheBritishMonarchy/about/?ref=page_internal

redes sociais vêm para manter os súditos, e curiosos de todo o mundo, a respeito dos afazeres reais do dia, mas através de uma maneira mais eficaz do que a antiga, mas ainda vigente, circular nos portões do palácio. A diferença, além do alcance, está na possibilidade de postar fotos e vídeos complementando as informações escritas e a de se postar em múltiplas redes por vez por estarem todas integradas, assim pessoas que são membros de uma rede e não de outra e vice e versa recebem a mesma informação e no mesmo tempo. Com isso, em 2015, com o nascimento da princesa Charlotte as pessoas que estavam na porta do palácio de Buckingham, na porta do hospital em Paddington ou em casa acompanhando pelo *twitter*, ou pela televisão, tiveram acesso a informação do nascimento simultaneamente independente da proximidade física que estivessem do acontecido. Essa situação ilustra exatamente a ideia trazida no segundo capítulo por Cochrane e Pain (2005) de que cada vez mais os processos culturais extrapolam os limites do Estado-nação com eventos que acontecem em certa parte do globo impactando o outro lado do mundo.

Assim, como visto no segundo capítulo, nas palavras de Moog e Sluyter-Beltrao (2001) as novas mídias tecnológicas tem servido de ferramenta para comunicações políticas, o que tem sido sabiamente explorado pela família real também na promoção de seus programas sociais. O mais recente é o programa *Heads Together*, lançado em 2016, que junta um grupo de instituições com foco em saúde mental e conta com o príncipe William, sua mulher a duquesa de Cambridge e o seu irmão príncipe Harry como cara do projeto. A campanha foi feita fortemente através de meios online, desde site próprio como através das páginas do *facebook* relacionadas à família real e na página oficial do próprio programa, envolvimento em outras redes sociais como *youtube*, *twitter*, *snapchat* e *instagram* e até mesmo com a participação do casal real em programas na *Radio* ⁶⁰. A participação do príncipe Harry na fundação *Invictus Games*, a qual ele mesmo criou, com o intuito de desenvolver os jogos homônimos também

⁶⁰ Emissora de rádio pertencente a BBC tendo principalmente jovens como público alvo e tendo transmissão ao vivo através da internet para todo o mundo. A terceira rádio mais escutada em todo o país (est. 2016) Fonte: <https://media.info/radio/data/the-most-popular-radio-stations-in-the-uk>

fundado pelo real em 2014, que é um evento esportivo para pessoas que são feridas, doentes ou machucadas por ter servido militarmente o país.

Os Jogos traspassam as fronteiras britânicas e envolve algumas ex-colônias como os Estados Unidos, onde foi sediado os jogos de 2016, o Canadá, onde será sediado os jogos em setembro de 2017 e a Austrália sede dos jogos no ano de 2018, a segunda edição contou com 500 participantes de catorze nações diferentes e foi bastante divulgada nas redes sociais tendo até uma “competição” cheia de humor entre o príncipe fortemente envolvido com o evento e a então primeira dama norte-americana Michelle Obama com participação do então presidente Obama e até mesmo da rainha que fez um *micdrop*⁶¹ que fez sucesso com os internautas e os súditos mais jovens.

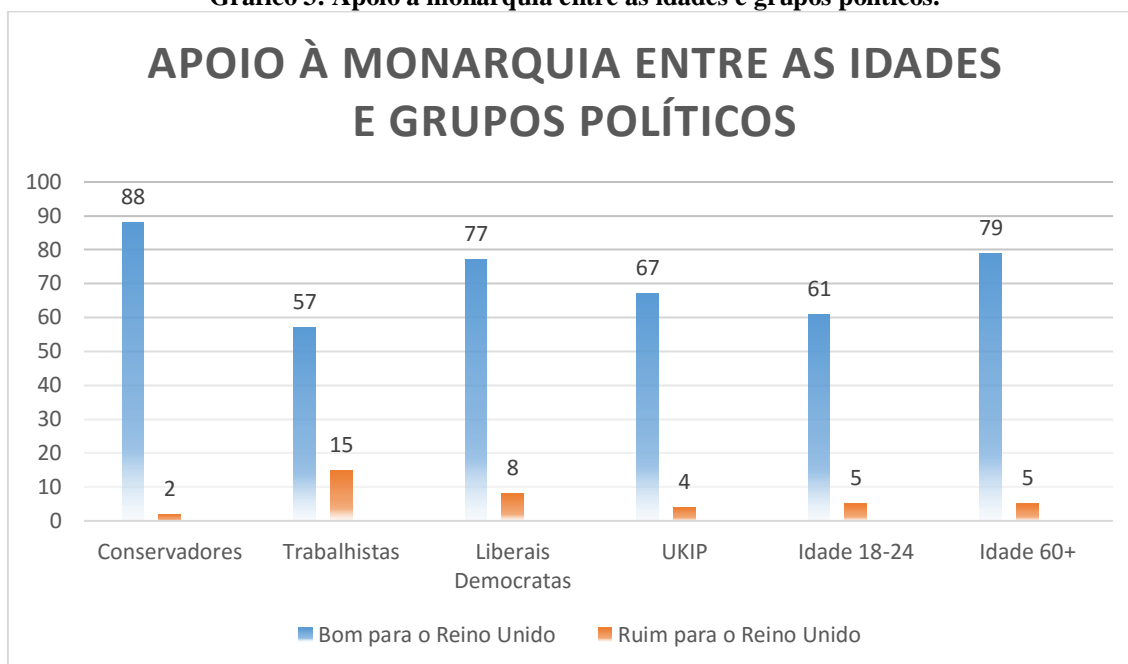
A junção da relação da relevância política, econômica e sócio-cultural, principalmente considerando o fator *appeal* e de pertencimento em comum nas três acaba por se revelar em formato de aceitação pública e a manutenção das tradições alinhadas ao processo de modernização pelo uso de mídias sociais e símbolos tradicionalmente ligados à *pop culture* e à era digital reflete numa aceitação quase homogênea entre diferentes faixas etárias e pensamentos políticos como pode-se ver no gráfico 3, onde o apoio à monarquia é presente em 88% do partido conservador, 57% do partido trabalhista, 77% entre os liberais democratas, 67% no UKIP⁶², 61% entre a população com faixa etária entre dezoito e vinte e quatro anos e 79% naqueles maiores de 60 anos.

⁶¹ “gesto que sinaliza o fim de uma constatação tão definitiva que não pode ser seguida”. Tradução Livre. Fonte: <https://www.theguardian.com/us-news/shortcuts/2016/may/02/obama-out-mic-drop-white-house-correspondents-dinner>

“ato de intencionalmente derrubar um microfone depois de um discurso ou performance de maneira a criar um final impressionante”. Tradução Livre. Fonte: <http://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/mic-drop>

⁶² *United Kingdom Independence Party* ou Partido da Independência do Reino Unido (Tradução Livre). Partido político britânico libertário, é o terceiro partido do país e acredita em governo mínimo necessário para defender liberdade individual, apoiar aqueles em reais necessidades, usando o mínimo de dinheiro necessário e sem interferir na vida dos cidadãos, acredita no direito das pessoas de governarem a si mesmos e na democracia desenvolvida às pessoas através de referendos nacionais e locais em assuntos importantes para que as leis sejam desenvolvidas pelo povo. Fonte: <http://www.ukip.org/about>

Gráfico 3: Apoio à monarquia entre as idades e grupos políticos.



Fonte: Governo britânico.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Onde, porém, a monarquia soube fazer o uso correto e prudente das prerrogativas formais com que ficou, conseguiu durar”⁶³. A monarquia britânica é uma instituição milenar e histórica e sua existência por si só já caracteriza uma relevância em si mesma. Ao longo dos anos em diferentes formações do Estado que é hoje conhecido como Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte famílias e dinastias distintas ocuparam o trono, há cem anos, entretanto, a Dinastia Windsor está no poder, sendo representada atualmente na figura da Rainha Elizabeth II. Apesar da queda de enumeras monarquias nos séculos passados, em especial no século XX, a coroa britânica permaneceu firme e forte no poder, caracterizando uma relevância digna de análise.

Essa relevância pode tomar diferente formas que podem ser sentidas fortemente ou passam despercebidas por já estarem enraizadas no imaginário britânico ou até mesmo mundial. Tendo em vista essa abordagem ampla que a relevância da coroa britânica pode tomar, foi tratado aqui em 3 âmbitos diferentes: político, econômico e sócio-cultural. Ao

⁶³ Pasquino (1998, p. 780)

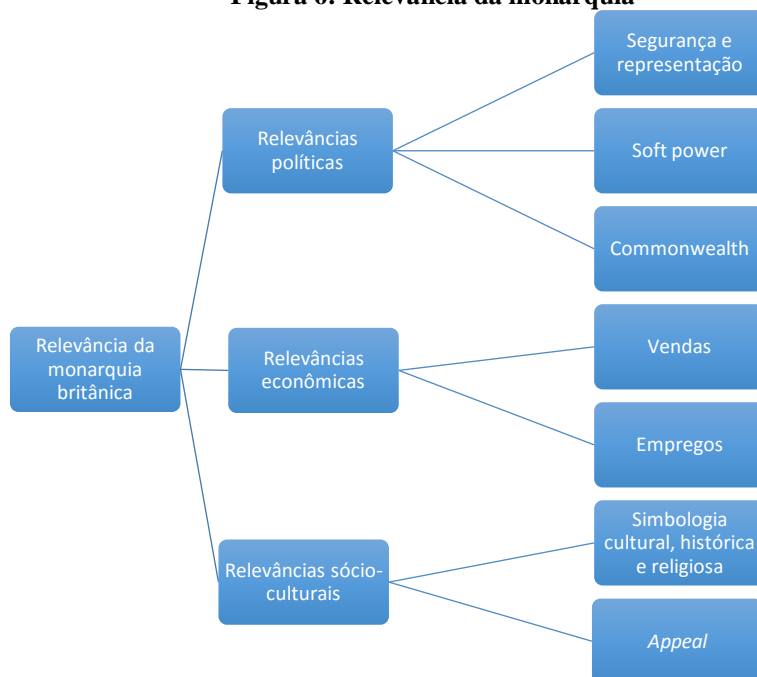
tratar do âmbito político temos a esfera interna e a esfera externa, na primeira temos desde a abertura oficial do parlamento, até a capacidade de apaziguar os ânimos nacionais em momentos críticos como vimos no segundo capítulo. Há também uma maior segurança no que tange o surgimento de forças radicais pela separação entre Governo e Estado, o que proporciona uma melhor e mais clara divisão de papéis. Já no âmbito internacional vemos a figura da rainha como a maior forma de representação do país por simbolizar tudo aquilo que o país é, podendo assim, como visto no segundo capítulo, carregar uma força maior em momentos cruciais na história do país como aconteceu na previamente mencionada visita de Estado à Irlanda. Além disso há a grande participação e influencia da família real na composição do *soft power* britânico, analisado nesta monografia com o embasamento das teorias de Nye acerca do tema. Assim é possível concluir que dentro da primeira esfera pode-se destacar a segurança política, a melhor representação do Estado, a capacidade de tranquilizar a população e o impulso no poder leve do país como as relevâncias políticas da família real britânica.

O segundo aspecto, a esfera econômica, também é repartida, desta vez em duas, a capacidade de gerar empregos e a de impulsionar vendas, estando esta fortemente associada ao *soft power* que faz com que as pessoas desejem o bem e associe a luxo. A família real faz isso através de um modo mais simples que é o uso esporádico, que incita as pessoas a comprarem tudo e qualquer coisa usada pelos membros da família real, e o uso contínuo, através da simbologia do *Royal Warrant* que atrai as pessoas à marcas britânicas ao associa-las com qualidade por serem companhias que fornecem para as residências reais. O outro modo, consiste no impulso nas vendas de *souvenirs*, oficiais ou não, durante todo o ano e tendo influencia no aumento da venda desses produtos em datas comemorativas, essas vendas sendo fortemente ligadas ao turismo real, chegando à capacidade de geração de empregos pela monarquia, que faz com que pessoas sejam empregadas nos sítios turísticos como torres, castelos e museus relacionados a monarquia britânica além de empregos gerados indiretamente como guias turísticos especializados no tema e na família real, além é claro do empregos relacionados aos serviços reais nos castelos, residências e responsáveis pela segurança. Concluindo, assim, que no âmbito econômico destacam-se principalmente a movimentação da economia em forma de vendas e em forma de empregos como a relevância dos Windsor.

Ao tratar da esfera cultural, passamos a tratar de um aspecto mais amplo e subdividido. Como visto na questão do *soft power* e política, ao ser parte importante da sociedade britânica e ao simbolizar o Estado no maior nível possível, a família real

britânica consiste parte importante da cultura do país e até de ex colônias não só em forma de história mas, como vimos na esfera política, através do *Commonwealth of Nations*. A questão sócio-cultural está ligada a diversos aspectos, são eles a importância histórica e de tradição, simbólica, religiosa e emotiva. Trazida por Conradi, a ideia de relevância pelo simples fato de existir atrela-se ao contexto histórico, algumas das tradições mencionadas aqui, desde a abertura do parlamento como a sua forma mais simples de apresentação como forma de discurso de natal, esperado por todos no fim do ano, destacam essa importância da família real na continuidade de atividades tradicionais britânicas. Dentro do caráter simbólico sobressai a ideia de representação mor do país enquanto emotivo, trata da ideia de *appeal* não só nacional como internacional na ideia do contraste entre *fairy tale* e *soap opera*, que no século XXI, caracterizado pelo estriamento de relações transnacionais através das mídias sociais, não só reafirma o *soft power* e ajuda no impulsionamento das vendas através do efeito tratado no aspecto econômico, por meio do interesse internacional acerca da família real, como auxilia no compartilhamento de informações entre eles e os súditos e na divulgação de projetos sociais encabeçado pelos membros da mesma. Assim, é possível concluir, que a relevância sócio-cultural da monarquia britânica consiste na simbologia cultural, histórica e religiosa e o seu *appeal*.

A junção das relevâncias nesses três âmbitos distintos, mas que interagem entre si compõem, portanto, o que podemos entender como a relevância da monarquia britânica dentro do período analisado, de 2001 à 2017, como pode ser observado na figura 6.

Figura 6: Relevância da monarquia

Fonte: Do autor, 2017.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:**Livros**

BLAIN, Neil; O'DONNELL, Hugh. **Media, Monarchy and Power**. Bristol: Intellect, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **O PODER SIMBÓLICO**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 1989. 314 p.

CANNADINE, David. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

COCHRANE, Allan; PAIN, Kathy. A globalizing society?. In: HELD, David (Org.). **A globalizing world? culture, economics, politics**. 2. ed. Londres: The Open University, 2004. cap. 1, p. 5-43.

CONRADI, Peter. **THE GREAT SURVIVORS: HOW THE MONARCHY MADE IT INTO THE TWENTY-FIRST CENTURY**. 2. ed. Croydon: Alma Books Ltd, 2013.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. Rio de Janeiro: Zahar, 1939. 335 p. v. 1- Uma história dos Costumes.

GEERTZ, Clifford. **The Interpretation of Cultures: Selected Essays**. New York: Basic Books, Inc., Publishers, 1973. 470 p.

HALL, Peter A.; TAYLOR, Rosemary C. R. **As três versões do neo-institucionalismo**. [s.i.]: Lua Nova, 2003.

LEBOW, Richard Ned. **A CULTURAL THEORY OF INTERNATIONAL RELATIONS**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. 776 p.

LIJPHART, Arend. **Modelos de democracia: Desempenho e padrões de governo em 36 países**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

LÓSSIO, Rúbia Aurenívea Ribeiro; PEREIRA, Cesar de Mendonça. **A importância da valorização da cultura popular para o desenvolvimento social**. Salvador: Anais Enecult, 2007.

MACKAY, Hugh. The globalization of culture. In: HELD, David. **A globalizing world? culture, economics, politics**. London: The Open University, 2004. cap. 2, p. 44-81.

MARR, Andrew. **The Diamond Queen**. Londres: Panbooks, 2011.

MARR, Andrew. **A real Elizabeth**. São Paulo: Europa, 2011.

MOOG, Sandra; SLUYTER-BELTRAO, Jeff. The Transformation of Political Communications?. In: AXFORD, Barrie; HUGGINS, Richard. **New Media and Politics**. Londres: SAGE Publications Ltd, 2001. cap. 2, p. 30-63.

NYE, Joseph S. **SOFT POWER: The Means To Success in World Politics**. New York: PublicAffairs, 2004. 192 p.

ONUF, Nicholas. Constructivism: A User's Manual. In: KUBÁLKOVÁ, Vendulka; ONUF, Nicholas; KOWERT, Paul (Org.). **INTERNATIONAL RELATIONS IN A CONSTRUCTED WORLD**. London: M.E. SHARPE, 1998. cap. 3, p. 58-78.

ONUF, Nicholas. **Making Sense, Making Worlds: : Constructivism in Social Theory and International Relations**. [S.l.]: Taylor & Francis Ltd, 2013. 256 p.

OTNES, Cele C.; MACLARAN, Pauline. **Royal Fever: The British monarchy in consumer culture**. California: University Of California Press, 2015.

PASQUINO, Gianfranco. Monarquia. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. 11. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. p. 776-781. v. 1.

SOARES, Pedro Gustavo Cavalcanti. Construtivismo e identidade nas relações internacionais. In: CASTRO, Thales (Org.). **Relações internacionais contemporâneas: teorias e desafios**. Curitiba: Editora Íthala, 2014. p. 119-132.

SOFT POWER AND THE UK'S INFLUENCE COMMITTEE, 2013, London. **Professor Joseph S Nye, Harvard Kennedy University - Oral Evidence...** London: HOUSE OF LORDS, 2013. 747-760 p. v. 2.

WENDT, Alexander. **Social Theory of International Politics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. 20 p.

WENDT, Alexander. **Anarchy is What States Make of it::** The Social Construction of Power Politics. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1992. 391-425 p.

WENDT, Alexander. **Social Theory of International Politics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. 434 p.

ZIEGLER, Philip. **Crown and People**. New York: Knopf, 1978.

Artigos Acadêmicos

NYE, Joseph S. **The Information Revolution and Soft Power**. [S.l.]: Harvard, 2014. 19-22 p. Disponível em: <<http://nrs.harvard.edu/urn-3:HUL.InstRepos:1173898>>. Acesso em: 12 maio 2017.

SILVA, Renato de Almeida Vieira e. **GOD SAVE THE QUEEN:: AS REPRESENTAÇÕES DA REALEZA NAS NARRATIVAS JORNALÍSTICAS CONTEMPORÂNEAS**. [S.l.]: Revista Lumen Et Virtus, 2013. 24-54 p. v. 4.

Artigos de jornais e revistas

SMITH, Matthew Nitch. 5 reasons the Queen is good for UK business. **Business Insider**. New York, p. 128-132. 21 abr. 2016. Disponível em: <amp.businessinsider.com/5-reason-the-monarchy-is-good-for-the-uk-economy>.

TRUNKOS, Judit. **What is soft power capability and how does it impact foreign policy?** South Carolina: University Of South Carolina, 2013. 13 p. Disponível em: <www.culturaldiplomacy.org/academy/content/pdf/participant-papers/2013-acdusa/what-is-soft-power-capability-and-how-does-it-impact-foreign-policy--Judit-Trunkos.pdf>.

PILLALAMARRI, Akhilesh. **Australia and the Crown: Australia's debate on becoming a republic continues to rage on..** Tokyo: The Diplomat, 2016.

PILLALAMRRI, Akhilesh. Why most monarchies are still relevant and useful in the 21st century: Think monarchies are bad? Think again.. **The Diplomat**. Tokyo. 24 jun. 2014. Disponível em: <<http://thediplomat.com/2014/06/why-monarchies-are-still-relevant-and-useful-in-the-21st-century/>>.

CONRADI, Peter. Long live the Queens and Kings. **The New York Times**. New York. 01 jun. 2012. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2012/06/02/opinion/long-live-the-queens-and-kings.html>>.

SCHUESSLER, Jennifer. Analyzing Royalty's Mystique: Amid diamond jubilee fever, Scholars reflect on Monarchy. **The New York Times**. New York, 28 maio 2012. Disponível em: <<https://mobile.nytimes.com/2012/05/29/arts/amid-diamond-jubilee-fever-scholars-reflect-on-monarchy.html>>.

HANNAN, Daniel. We celebrate the Royal Family because it symbolises our liberty. **The Telegraph**. London. 26 jul. 2013. Disponível em: <<http://www.telegraph.co.uk/news/uknews/theroyalfamily/10204678/We-celebrate-the-Royal-family-because-it-symbolises-our-liberty.html>>.

MOLLOY, Mark. **Revealed top 50 typically British traditions**. Disponível em: <<https://www.google.com.br/amp/www.telegraph.co.uk/news/2016/04/20/revealed-top-50-typically-british-traditions--do-you-agree/amp/>>.

BATHER, Luke. **10 UK Christmas Traditions That Confuse Americans**. Disponível em: <<http://mentalfloss.com/article/89676/10-uk-christmas-traditions-confuse-americans>>

EASTER CELEBRATIONS IN THE UK. Disponível em: <<https://www.learnenglish.de/culture/easter.html>>

MIDGLEY, Robert. **Queen hands out Royal Maundy alms in Sheffield**. Disponível em: <<http://www.telegraph.co.uk/news/uknews/queen-elizabeth-II/11512515/Queen-hands-out-Royal-Maundy-alm-at-Sheffield-Cathedral.html>>

Royal Maundy Service. Disponível em: <https://www.royal.uk/royal-maundy-service>

OTNES, Cele C. ; MACLARAN, Pauline. **How the British Royal Family Became a Global Brand**. Disponível

em: <<https://www.theatlantic.com/international/archive/2015/10/british-royal-monarchy-queen-elizabeth/411388/>>

The State Opening of Parliament. Disponível

em: <<http://www.parliament.uk/about/how/occasions/stateopening/>>.

O Neliberalismo e a Teoria da Intependência Complexa. Disponível

em: <https://www.jurisway.org.br/v2/dhall.asp?id_dh=7410>.